



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

CENTRO DE HUMANIDADES

UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS

**AS FORMAS VERBAIS INOVADORAS DO PORTUGUÊS:
O CASO DE PARTICÍPIOS IRREGULARES E A
RELAÇÃO COM AS FORMAS VERBAIS UTILIZADAS
NO PORTUGUÊS ARCAICO**

AUREA RAYRA CANEJO DA SILVA

CAMPINA GRANDE

2015

AUREA RAYRA CANEJO DA SILVA

**AS FORMAS VERBAIS INOVADORAS DO PORTUGUÊS:
O CASO DE PARTICÍPIOS IRREGULARES E A
RELAÇÃO COM AS FORMAS VERBAIS UTILIZADAS
NO PORTUGUÊS ARCAICO**

Monografia de conclusão de curso apresentada
ao Curso de Letras – Língua Portuguesa da
Universidade Federal de Campina Grande,
como requisito parcial à conclusão do curso.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Auxiliadora
Bezerra

CAMPINA GRANDE

2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
(Biblioteca Central)

S586f

Silva, Aurea Rayra Canejo da.

As formas verbais inovadoras do português: o caso de participios irregulares e a relação com as formas verbais utilizadas no português arcaico / Aurea Rayra Canejo da Silva. -- Campina Grande, 2015.

Originalmente apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso de licenciatura em Letras da autora (licenciada – Universidade Federal da Paraíba, 2015).

Referências.

1. Formas inovadoras. 2. Participio. 3. Irregular. 4. Variação. 5. Hipercorreção. I. Título.

CDU-81'367.625(043)

AUREA RAYRA CANEJO DA SILVA

**AS FORMAS VERBAIS INOVADORAS DO PORTUGUÊS:
O CASO DE PARTICÍPIOS IRREGULARES E A
RELAÇÃO COM AS FORMAS VERBAIS UTILIZADAS
NO PORTUGUÊS ARCAICO**

Monografia de conclusão de curso apresentada
ao Curso de Letras – Língua Portuguesa da
Universidade Federal de Campina Grande,
como requisito parcial à conclusão do curso.

Aprovada em _____ de _____ de _____

Banca Examinadora:

Orientadora Profa. Dra. Maria Auxiliadora Bezerra - UFCG

Examinadora 1 Profa. Ma. Viviane Moraes de Caldas - UFCG

Examinador 2 Prof. Dr. Edmilson Luiz Rafael - UFCG

CAMPINA GRANDE

2015

Dedico este trabalho a memória de Águeda M. Cabral
(DADINHA), tia, incentivadora que muito contribuiu na
minha formação pessoal e profissional.

AGRADECIMENTOS

Externo todo meu carinho àqueles que direta ou indiretamente contribuíram para a minha formação, acadêmica e pessoal.

Por meus ideais cristãos, agradeço a Deus por me conceder forças e fé para nunca desistir no caminho, agradeço a Ele todas as maravilhas que tem realizado em minha vida. Foi com fé em Deus que sempre obtive inspiração e força para vencer as atribulações.

Agradeço as várias contribuições de todos os professores e professoras do Curso de Letras – Língua Portuguesa da Universidade Federal de Campina Grande. Vocês não formaram apenas uma professora, mas um ser consciente da necessidade de se desprender de todos os (pre) conceitos para conseguir entender as modificações ocorridas na sociedade e na língua portuguesa.

Agradeço à professora Dra. Maria Auxiliadora Bezerra que aceitou, desde o convite inicial, o desafio de ser orientadora, estimo sua paciência, compreensão e, principalmente, as contribuições teóricas e metodológicas. Suas sugestões reordenaram em diversos momentos os rumos deste trabalho.

Estendo os agradecimentos à professora Ms. Viviane Moraes de Caldas e ao professor Dr. Edmilson Luiz Rafael, por aceitarem participar da banca examinadora, muito contribuindo com suas leituras e ressalvas para o aperfeiçoamento das bases deste trabalho. Estimo a relevância de suas observações e as incorporo.

Continuando no ambiente acadêmico, agradeço aos amigos e amigas, bem como a todos os colegas que no decurso destes anos conviveram comigo as alegrias, apreensões e descobertas da universidade. Em especial, agradeço aos amigos Thaíses Dutra, Anna Raíssa, Carlos Magno, Keyte Gabrielle, Luziano, com os quais tive a alegria de participar e apresentar trabalhos conjuntos.

Às amigas Carol, Nayara, Juliana, Mikaelly, Camila, Mércia, Tetéia, Marta, Jaíra, Taís e aos amigos Clemilton, Henrique, Hermerson, Niellysson, Rennan, Yuri, João Batista, Alisson, Ivaldy, Ramon, Fernando, presentes de Deus, deixados em minha vida e que muito me acrescentaram com suas experiências, confianças e esperanças.

Aos amigos motoristas de Barra de São Miguel pelas inúmeras caronas que ajudaram no decorrer desses anos no deslocamento até a cidade de Campina Grande. Foram mais de 500 viagens considerando as idas e vindas necessárias para renovar o espírito e descansar o corpo a fim de que voltasse novo e cheio de energias para realizar as atividades da semana.

Aos amigos (ex-professores) das escolas João Pinto da Silva e Melquíades Tejo, escolas em que tive o privilégio de estudar e o prazer de lecionar minhas primeiras aulas como professora de língua portuguesa. Aos respectivos diretores Miguel Arcanjo e Apoliana Silva (tia) meu muito obrigado pela confiança e disponibilidade.

Aproveito o momento para agradecer a todos os professores e colegas da escola NDI, da cidade de Campina Grande, toda minha gratidão a vocês pela atenção e carinho durante os dois anos que convivemos. Carrego um pouco de todos vocês comigo.

Agradeço imensamente aos meus anjos-primos João e Popó pela força, pessoas com quem sempre pude contar, pois sempre estavam dispostos a ajudar. Obrigada por todo cuidado e atenção que tiveram (têm) comigo.

À minha irmã Ariane, pelo amor e pelas chatices de todos os dias. Minha companheira de quarto e de estudos, por quem eu tenho imensa admiração, torço pela concretização de seus sonhos. Você é tudo aquilo que faltava para que nossa família fosse completa.

Aos meus avós Aurea (Lala) e Antonio. Vó, mulher forte e perseverante na fé de quem tenho a honra de carregar o mesmo nome. Vô, o meu “xodó”, meu grande amor, que alegria poder afirmar que és meu melhor professor, admiro a sua sabedoria adquirida pelas experiências vividas. Alegro-me de poder compartilhar esse momento com vocês ao lado.

Às minhas tias e aos tios. Agradeço a todos na pessoa de minha querida tia Albiege, que sempre está a me esperar, com um sorriso no rosto. És minha segunda mãe, amiga e conselheira, agradeço de coração tudo o que tens feito por mim, desde meu nascimento até os dias de hoje.

Aos meus primos, agradeço na pessoa de Netinho, “minha sombra” como costume chamar. Obrigada pela acolhida todas as semanas, por suas preocupações em saber

como foi o meu dia e por não desgrudar de mim nas alegrias e nos momentos em que mais preciso de ti.

À minha querida tia Adelma por ter me acolhido em sua casa durante os primeiros três anos de minha estadia em Campina Grande, e à Layana pelos momentos hilários e inesquecíveis que juntas passamos. Agradeço pela atenção de sempre, espero poder retribuir ao menos metade de tudo o quanto fizeram por mim.

À minha mãe que nunca mediu esforços durante todos os momentos da minha vida, atuando em muitos deles como pai e mãe. És para mim um exemplo de mãe e de mulher, espero um dia poder ser ao menos um pouco da pessoa que você é. Me ensinou sobre o amor, amando; sobre a fé, crendo; com isso me mostrou que nunca devemos desanimar na vida, pois Deus sempre nos surpreende com grandes bênçãos.

À Joca, meu amigo, meu pai. Obrigado por todo o carinho e atenção que me dedicas. Deus em sua infinita bondade quis te colocar em meus caminhos, para que eu pudesse aprender contigo grandes coisas. Um pai sempre presente, você foi o grande presente que Deus reservou para nossas vidas. Obrigada por me escolher e aceitar como filha.

Agradeço a João Paulo... Por transformar minha vida com a sua alegria e amor, por caminhar ao meu lado em todos os momentos sempre com uma palavra de impulso e coragem, por compreender minhas tristezas e festejar minhas alegrias, por transformar meus choros em sorrisos, por realizar meus sonhos, pelo grande homem que é... Além do amor que nos une, tens de mim muita admiração. Agradeço os bons momentos que tenho vivido...

Por fim, agradeço a toda família Cabral por todos os momentos vividos. Agradeço o amor, atenção, carinho e afeto com que me acolheram. Se me fosse permitido escolher uma família, com toda certeza, vocês fariam parte dessa escolha. A vocês, minha família de coração, toda minha gratidão!

Sedule curavi actiones non ridere,
non lugere, neque detestare,
sed intellegere.

Spinoza

(“Tenho-me esforçado para não rir das ações humanas, por não deplorá-las nem odiá-las, mas por entendê-las”).

RESUMO

Resumo: Nesta pesquisa estudamos a criação de formas inovadoras do particípio passado irregular no português do Brasil e trata-se de um trabalho descritivo de cunho qualitativo. Tivemos como objetivos: (1) identificar e descrever as formas inovadoras do particípio passado irregular de verbos regulares que estão sendo usadas na modalidade falada do português contemporâneo; (2) analisar essas novas formas de particípio irregular desconhecidas pelas gramáticas de língua portuguesa; (3) observar e refletir se há raiz histórica dessas formas no particípio irregular do português arcaico. Como referenciais teóricos utilizamos as observações e contribuições de Said Ali (2006), Bagno (2001, 2007, 2008, 2012, 2013), Bechara (2005), Castilho (2009), Coutinho (2005), Gil (2008), Haug (2008) e Paiva (2008) ambos presentes em Spina (2008), Ilari e Basso (2007), Moura Neves (2000), Silva Neto (1977, 1986), Silva (2008), Souza (2011). Neste capítulo teórico, há ênfase maior para a história de evolução dos verbos da língua portuguesa, as variações e modificações pelas quais passou para poder chegar ao sistema verbal utilizado. O corpus está constituído de dados coletados em duas etapas, a primeira de gravações de áudio e a segunda aplicação de questionário com os alunos do ensino Médio que são os sujeitos desta pesquisa, a análise divide-se em duas partes: quantitativa e qualitativa. Como critério de análise observamos os verbos que apresentaram maior recorrência nas duas etapas de coleta de dados, assim, focamos nos verbos *chegar*, *trazer* e *passar* (sentido de aprovação), com suas respectivas formas inovadoras – *chego*, *trago* e *passo*. Como resultado, percebemos que a formação desses verbos inovadores pode estar relacionada ao fenômeno da hipercorreção, bem como a analogia com os demais verbos do sistema verbal brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: Formas inovadoras. Particípio Irregular. Variação. Hipercorreção.

ABSTRACT

Abstract: In this research we studied the creation of innovative forms of irregular past participle in Portuguese of Brazil; it is a descriptive study of qualitative nature. We had the following objectives: our goals were: (1) to identify innovative ways of irregular past participle of regular verbs being used in spoken form of contemporary Portuguese; (2) describe these new forms of irregular participle ignored by the grammars of Portuguese; (3) see if there are historical roots of these forms in irregular participle of archaic Portuguese. As theoretical reference we used the observations and contributions of Said Ali (2006), Bagno (2007, 2008, 2012, 2013), Bechara (2005), Castilho (2009), Coutinho (2005), Gil (2008), Haug (2008) Ilari and Basso (2007), Moura Neves (2000), Paiva (2008), Silva Neto (1977, 1986), Silva (2008), Souza (2011), Spina (2008). In this theoretical chapter there is a greater emphasis on the history of evolution of the verbs of the Portuguese language, variations and modifications through which it passed in order to get to the verbal system used. The corpus is composed of data collected in two stages, the first of audio recordings and the second application of the questionnaire, and the analysis is divided into two parts: quantitative and qualitative. We opted to use in this analysis the verbs that presented larger appeal in the two stages of data collection, like this, we focused the verbs; to arrive, to bring and to pass (in approval sense), with their respective innovative forms; I arrive, I bring and pass. As a result, we realized that the formation of these innovative verbs may be related to the overcorrection phenomenon, as well as the analogy with other verbs of the Brazilian verbal system.

KEYWORDS: Innovative ways. Irregular participle. Variation. Overcorrection.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01: Descrição das formas verbais do particípio passado e as modificações passadas do latim vulgar ao português, segundo Coutinho (2005).....	22
QUADRO 02: Verbos abundantes	23
QUADRO 03 – Descrição das formas verbais do português dos séculos XII ao XIV.....	25
QUADRO 04 – Formas verbais e suas alterações durante o século XIV ao XVI.....	27
QUADRO 05: Verbos abundantes no português, apresentados por Bechara (2005).....	30
QUADRO 06: Verbos abundantes no português brasileiro.....	31
QUADRO 07: Perfil dos sujeitos participantes da pesquisa.....	40
QUADRO 08: Frequência das formas inovadoras –<i>tinha chego</i>, - <i>tinha trago e tinha passo</i>.....	47

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 01: Recorrência das formas verbais inovadoras e do particípio passado dos verbos irregulares.....	46
GRÁFICO 02: Utilização do particípio passado do verbo – ganhar.....	48
GRÁFICO 03: Utilização das formas do particípio passado do verbo <i>chegar</i>.....	50
GRÁFICO 04: Utilização das formas do particípio passado do verbo <i>trazer</i>.....	51
GRÁFICO 05: Explicando a utilização dos verbos – <i>chegar</i> e <i>trazer</i> no particípio passado.....	52

Sumário

INTRODUÇÃO.....	15
CAPÍTULO I.....	19
1. Breve percurso pela história da língua portuguesa: a formação dos tempos verbais.....	19
1.1 A atual formação dos verbos no particípio passado do português brasileiro.....	29
1.2 O particípio passado dos verbos no português brasileiro.....	32
1.3 Português brasileiro e variação linguística.....	34
1.4 Preconceito linguístico.....	36
CAPÍTULO II.....	38
2.1 Metodologia.....	38
2.2 Sujeitos da pesquisa.....	38
2.3 Coleta de dados.....	40
2.4 Plano da análise dos dados.....	42
CAPÍTULO III.....	44
3. Análise e discussão dos resultados.....	44
3.1 Identificação e recorrência dos participios passados inovadores: análise quantitativa.....	44
3.2 Características linguísticas dos PPI e sua relação com a formação dos participios passados dos verbos do português: análise qualitativa.....	52
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	59
ANEXOS.....	61
APÊNDICES.....	63

INTRODUÇÃO

É sabido por todos que as línguas durante muito tempo eram pensadas como algo pronto e acabado, citando o pai da linguística Saussure, *um sistema fechado*, impossível de sofrer alterações. No entanto, partindo de um estudo sociolinguístico da língua, é necessário que a consideremos como inacabada, que pode e deve sofrer alterações, partindo desse critério a sociolinguística busca estudar a língua através de sua relação no meio social, entre seus falantes. Cabe lembrar Bagno (2007, p. 38), que afirma ser a sociolinguística *a ciência que relaciona a heterogeneidade da língua com a heterogeneidade social*, daí a diversidade dos dialetos explicar-se pela diversidade de povos, regiões e situações. Diante desse contexto apresentado pela sociolinguística começamos a perceber o quanto um determinado povo pode influenciar determinadas mudanças linguísticas.

No que se refere ao sistema verbal do português brasileiro (PB), sabemos que há verbos que apresentam formas regulares e irregulares no particípio passado, como o verbo ganhar (ganhado e ganho). No entanto, um fenômeno linguístico tem chamado nossa atenção: o fato de verbos que só apresentam a forma regular, por exemplo, chegar (chegado), estarem sendo flexionados nessa forma nominal como irregular (tinha chego): esta ocorrência caracteriza-se como uma forma verbal inovadora desconhecida da gramática normativa, que não se confunde com a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo (eu chego). Além dessa ocorrência, encontramos também outros verbos, como trazer, passar (no sentido de aprovar) e comprar, em que também apresentam essa forma inovadora (tinha trago, estou passo e tinha compro).

Como forma de explicação do fenômeno atual, buscamos relacionar as formas inovadoras utilizadas no PB contemporâneo com a criação das formas verbais do particípio passado irregular no período arcaico da língua portuguesa. Isso porque percebemos que essas formas ditas inovadoras não são consideradas uma inovação/criação dos brasileiros, mas já foram utilizadas em tempos passados. Assim, acreditamos que é possível entender e mostrar as raízes dessas formas, pois, passando pela história da língua, podemos conhecer as modificações que ela sofreu no decorrer do tempo.

Diante desse contexto de variação linguística, e tendo a chance de observar essa constante utilização de formas não reconhecidas pelas gramáticas normativas, buscamos

entender tal variação mediante estudos sobre a história da língua portuguesa, de modo que identifiquemos o uso de tais formas no passado e assim, possamos entender o fenômeno pelo qual passa o particípio passado dos verbos no português brasileiro contemporâneo.

Para desenvolver este estudo, desconsideramos a ideia de erro que pessoas cultas/ letradas impõem ao perceber essa inovação. Para tanto, relembramos Bagno (2008, p. 125), que afirma “*os erros*” que os portugueses dizem que os brasileiros cometem não passam de sobrevivências de formas antigas. Como o próprio autor afirma, não existem erros, o que percebemos é a ocorrência de fatores linguísticos que podem ser explicados por determinadas ciências (BAGNO, 2007, p. 79). A lembrança de formas arcaicas do PB deixaria o falante com forte sentimento de insegurança linguística. Além disso, um fator que intensifica essa insegurança, no que se refere à criação das formas inovadoras observadas, é a existência de verbos que apresentam formas regulares e irregulares, simultaneamente; Assim, percebemos que os falantes estão recorrendo àquelas que são menos utilizadas, acreditando que se tratam das mais corretas, as de maior prestígio, o que acaba desencadeando na criação de formas irregulares de verbos que só apresentam uma forma regular.

Tendo observado a realização e ocorrência das formas inovadoras entre os jovens e amigos em diversas situações monitoradas ou não resolvemos desenvolver esta pesquisa para entender a causa dessa variação verbal.

Considerando tais fatores, orientamos este trabalho a partir das questões que seguem:

- Que verbos irregulares apresentam, no português brasileiro contemporâneo falado, formas inovadoras de particípio passado irregular?
- Qual a relação entre essas formas inovadoras com a formação dos verbos do particípio passado irregular (PPI) no período arcaico?

Assim, propomos a análise do uso de formas inovadoras de particípio passado irregular, recorrentes na modalidade falada do PB contemporâneo, relacionando-as com a criação do PPI dos verbos no período arcaico da língua portuguesa. Para tanto, estabelecemos como objetivos desta monografia identificar as formas inovadoras do particípio passado irregular de verbos regulares que estão sendo usadas na fala do PB contemporâneo, descrevê-las e observar se há raiz histórica dessas formas inovadoras naquelas do PPI do português arcaico.

Tendo observado a crescente utilização de formas verbais inovadoras do particípio passado irregular dos verbos regulares, no português falado pelos brasileiros, acreditamos que este trabalho contribui com a descrição das variedades do sistema verbal no PB, já que essas formas consideradas inovadoras podem modificar, no decorrer dos tempos, o sistema verbal do PB. Ou ainda, demonstrar uma forte tendência à mudança, a qual poderá acarretar no fortalecimento da língua portuguesa brasileira, promovendo o distanciamento daquele português falado em Portugal.

Além disso, uma descrição sincrônica, com apoio nos estudos históricos, poderá esclarecer se o surgimento desses particípios irregulares mantém algum tipo de relação com o particípio irregular de outros verbos, por exemplo, se pela relação entre ganhar (*ganhado* e *ganho*), pagar (*pagado* e *pago*), aceitar (*aceitado* e *aceite*), seja possível obter as formas de chegar (*chegado* e *chego*), passar (*passado* e *passo*), trazer (*trazido* e *trago*) e comprar (*comprado* e *compro*).

Dentre os autores que nos ajudaram nesta discussão estão: Said Ali (2006), Bagno (2007, 2008, 2012, 2013), Bechara (2005), Castilho (2009), Coutinho (2005), Gil (2008), Haug (2008), Ilari e Basso (2007), Moura Neves (2000), Paiva (2008), Silva Neto (1977, 1986), Silva (2008), Souza (2011), Spina (2008).

Quanto aos quadros encontrados em todo o desenvolvimento teórico do trabalho, foram produzidos a partir da análise e reflexão das modificações sofridas pela língua portuguesa e apresentadas pelos teóricos abordados, visando garantir uma explanação mais direta e objetiva dessas modificações.

Após essas considerações iniciais, passamos a apresentação do roteiro da nossa caminhada rumo aos aspectos do português arcaico que influenciaram a formação do particípio passado dos verbos e favoreceram a criação das formas verbais inovadoras no português brasileiro contemporâneo falado.

Este trabalho é dividido em três capítulos descritos a seguir:

O primeiro capítulo apresenta a revisão teórica utilizada na fundamentação deste estudo e está organizado em quatro tópicos em que abordamos o português brasileiro e as variações linguísticas pelas quais passa a língua. Nele, também retratamos um pouco da história da língua portuguesa, necessária para a compreensão dos fenômenos analisados, bem como uma explanação sobre a formação do particípio passado no português, as influências advindas do latim e do período arcaico da língua. O recorte sobre as considerações apresentadas por Bechara (2005) e por Moura Neves (2000), em

suas respectivas gramáticas, Moderna Gramática Portuguesa e Gramática de Usos do Português, nos permitiu apresentar o particípio passado dos verbos no português brasileiro sob a ótica normativa e a funcionalista. Ao final do capítulo optamos por abordar o preconceito linguístico e a necessidade de extinguir variadas formas de preconceito que acabam por deturpar a ideia de língua em constante transformação.

No decorrer deste capítulo, procuramos demonstrar as mudanças ocorridas no sistema verbal do português brasileiro através de recorrentes quadros que indicam de forma clara e objetiva o trajeto dessas modificações para que se chegasse às formas verbais utilizadas no português brasileiro contemporâneo.

No segundo capítulo, encontra-se a descrição da metodologia utilizada. Primeiramente apresentamos o tipo de pesquisa, seguido pela descrição dos sujeitos participantes (que são, em sua maioria, alunos e funcionários de escola pública) e da coleta dos dados, a qual foi realizada através de gravação de aulas e de conversas informais e de aplicação de um questionário.

O terceiro capítulo é composto pela análise e tratamento dos dados coletados. Optamos por dividi-lo em três partes visando uma análise mais detalhada do material coletado. Na primeira parte fazemos uma contextualização de como foi observado o material, o que foi analisado e como se procedeu à análise. Em seguida apresentamos uma análise quantitativa dos dados, atentando para a identificação e recorrência dos particípios passados inovadores. A última parte deste capítulo apresenta uma análise desenvolvida pelo viés qualitativo em que destacamos algumas características linguísticas dos PPI, bem como a relação que existe entre estas características e a formação do particípio passado dos verbos do português. Durante todo o capítulo é recorrente o uso de tabelas e gráficos que demonstram os resultados obtidos, em relação às formas inovadoras identificadas.

Ao final deste trabalho, apresentamos as considerações finais que apontam para determinados fatores responsáveis pelo processo de criação das formas inovadoras do particípio passado observadas. Procuramos compreendê-las e entendê-las mediante aspectos apresentados pela própria língua, que podem, inclusive, ser desconhecidos dos próprios falantes que utilizam essas novas formas.

Por fim, apresentamos as referências bibliográficas que nortearam este estudo e os apêndices e anexos que abrangem o questionário de pesquisa que foi aplicado e a transcrição dos exemplos (gravados) coletados e analisados.

CAPÍTULO I

1. Breve percurso pela história da língua portuguesa: a formação dos tempos verbais

É importante perceber sobre a história da língua portuguesa que alguns autores, a exemplo de Coutinho (2005), dividem essa história em períodos. Cada período mostra a evolução da língua: *a época pré-histórica*, que vai do início até o século IX, ou seja, desde as primeiras alterações do latim até a definição do romance galaico – português como língua; *a época proto – histórica*, que compreende o século IX e vai até o XII, o início dessa época marca a definição do romance galaico – português como língua corrente na região noroeste da Península Ibérica e depois levada para o sul, o marco final desse período é a independência de Portugal; *a época histórica*, a partir do século XII, esta época é dividida em duas fases, a arcaica e a moderna (HAUY, 2008, p. 35).

A partir dessa periodização e tendo em vista o estudo de formas verbais inovadoras buscamos relacioná-las à fase arcaica da época histórica da língua.

Durante muito tempo, a história da língua portuguesa esteve ligada a questões históricas, cabendo destaque para as Guerras Púnicas, as invasões de variados povos, a chegada e expulsão dos árabes, fato que influenciou a formação do galego português, língua conservadora na fonética, sintaxe e vocabulário (CASTILHO, 2009).

O galego português faz parte do período arcaico e era a língua falada em 1100 no estado português. Segundo Ilari e Basso (2006), essa era a língua que gozava de prestígio, por isso fora bastante utilizada na lírica trovadoresca. No entanto, ainda de acordo com os autores, a situação linguística de Portugal nesse período era indefinida, pois os documentos de caráter oficial eram escritos em latim, assemelhado àquele utilizado pela literatura, e os de caráter prático, destinado ao povo, era escrito na língua corrente.

Castilho (2009) afirma que os primeiros documentos escritos na língua portuguesa aparecem no século XII, e só por volta de 1350 é que começa o período de transição do galego português para o português arcaico, e como era de se esperar esse reconhecimento da nova língua levou bastante tempo.

Levou tempo para que se tomasse o português como uma nova língua. Tiveram importância nesse ofício, duas instituições, que agiram como centros irradiadores de cultura na Idade Média: os mosteiros, onde se levavam a cabo, traduções de obras latinas, francesas e espanholas (Mosteiros de Santa Cruz e Alcobaça) e a Corte, para a qual convergiam os interesses nacionais. Escreviam ali, fidalgos e trovadores, aprimorando a língua literária. (CASTILHO, 2009, p. 34)

Com a utilização do português arcaico como nova língua, fez-se necessário observar as mudanças ocorridas de uma língua para outra, já que o latim vulgar foi a língua que mais influenciou e contribuiu com a formação do português.

A título de exemplo, Coutinho (2009, p. 272) apresenta as três conjugações do latim vulgar e, junto com elas, indica as mudanças que os verbos da língua portuguesa (LP) sofreram, em seus aspectos gerais, as adaptações e as influências ocorridas.

O autor nos aponta as três conjugações mantidas (1^a, 2^a e 3^a) e mostra-nos as formas verbais que passaram a apresentar novos empregos. Como exemplo desse fato temos: a) o imperfeito do subjuntivo, que, ao que tudo indica, tornou-se o nosso infinitivo pessoal; b) o mais-que-perfeito do subjuntivo, que passou como imperfeito do mesmo modo; c) o futuro perfeito do indicativo que, junto ao perfeito do subjuntivo, constituiu nosso futuro do subjuntivo; d) o presente do subjuntivo, que com emprego próprio, forneceu ao imperativo positivo as 3.^{as} pessoas, e todas as pessoas ao negativo; e) o gerúndio, que no ablativo substituiu em parte o particípio presente. (COUTINHO, 2009, p.275).

Coutinho (2009, p. 276) ainda confere-nos uma lista de tempos e formas verbais que não passaram ao português, “desapareceram”, são eles: a) *o futuro imperfeito do indicativo*; b) *o futuro do imperativo*; c) *o perfeito do infinitivo*; d) *o particípio presente* (que deu origem a alguns substantivos e adjetivos, no português); e) *o particípio do futuro ativo*; f) *o gerúndio*, que se encontra representado por alguns substantivos e adjetivos, com terminação -ndo; g) *o supino*, que teve seu desaparecimento no século I, e em substituição utilizou-se o infinitivo preposicionado.

Ainda sobre as mudanças ocorridas no sistema verbal, para suprir a falta dos tempos verbais que foram desconsiderados, o mesmo autor apresenta os tempos compostos dos verbos como uma criação românica, pois foram formados, inicialmente,

com o verbo *habere*, e depois com *tenere*, com outro verbo no particípio. Ele ainda cita que essas formas podiam ser encontradas em textos de Plauto, Cícero, Catão e Salústio.

Outra mudança destacada pelo autor foi a utilização de formas analíticas ao invés das sintéticas, que desapareceram no último período do latim vulgar (COUTINHO, 2005, p.278). Segundo Coutinho, essas modificações ocorreram porque o latim vulgar foi obedecendo à tendência àquilo que era popular. No entanto, essas formas que iam desaparecendo deixavam vestígios em outros tempos verbais utilizados no latim vulgar. Um exemplo apresentado pelo autor são os verbos depoentes, que eram encontrados nos textos literários de Plauto, Catão e Pompônio com certa vacilação, ou seja, mais de uma forma de uso (*horto* – *hortor*, *nasco* – *nascor*, *irasco* – *irascor*). Esses depoentes deixaram vestígios em alguns particípios passados, que mantêm conservado o seu sentido ativo (*aceitar* – *aceitado* e *aceito*, *pagar* – *pagado* e *pago*).

Sobre o particípio passado dos verbos, Coutinho (2005, p. 296) descreve as conjugações recorrentes no latim vulgar e no português, observe o quadro 01:

QUADRO 01: Descrição das formas verbais do particípio passado e as modificações passadas do latim vulgar ao português, segundo Coutinho (2005)

PARTICÍPIO PASSADO DOS VERBOS			
Conjugação	Latim Vulgar	Português	Modificações
1ª Conjug.	Amatu	Amado	-t- intervocálico sonorizou-se em –d- em todas as conjugações. Alguns verbos dessa conjugação, além do particípio em –do apresentavam outro em –e, que se explicam por analogia com outros verbos. Por exemplo, aceitar – aceitado e aceite), são chamados de verbos abundantes.
2ª Conjug.	*debitu por debitum	Devido	Nessas duas (2ª e 3ª) conjugações, tiveram muito emprego, no latim vulgar, os particípios em –utu, serviam de modelo os verbos terminados em –u, como por exemplo, consutus (consuere). No antigo português, tais particípios foram muito usados: avudo (aver), devido (dever), sabudo (saber), entre outros que deixaram vestígios em certos adjetivos. *o particípio passado da segunda e terceira conjugação conformou-se com o da quarta, que resultou a terminação –tu, correspondente à –to: solutu – solto. Esse fato resultou, em certos verbos, a aparição de duas formas correspondentes ao particípio, uma formada por analogia dentro da língua e a outra derivada do latim.
3ª Conjug.	*venditu por venditum	Vendido	
4ª Conjug.	Punitu	Punido	

FONTE: COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática histórica.** Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2005. (Adaptado)

Como vimos no quadro 01, verbos como (*expulsar, torcer, cingir*), passaram a apresentar duas formas no particípio passado, por essa razão Coutinho (2005) classificou-os como verbos abundantes. Vejamos no quadro 02 quais os verbos abundantes apresentados por esse autor.

QUADRO 02: Verbos abundantes

Aceitar	Aceitado; aceito (acceptu)
Cultivar	Cultivado; culto (cultu)
Expulsar	Expulsado; expulso (expulsu)
Fartar	Fartado; farto (fartu)
Romper	Rompido; roto (rupto)
Nascer	Nascido; nado (natu)
Torcer	Torcido; torto (tortu)
Cingir	Cingido; cinto (cinctu)
Tingir	Tingido; tinto (tinctu)

FONTE: COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática histórica.** Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2005.

Outro autor que destaca essa regularização e organização pelas quais passava a língua portuguesa no final do século XV e início do século XVI é Paiva (2008, p. 185); A autora confirma que a definição das normas ocorria mediante o uso da língua. No entanto, com o surgimento das primeiras gramáticas de Fernão de Oliveira (1536), e de João de Barros (1540), grande parte das variantes foi eliminada.

Quanto às modificações sofridas na morfologia, Paiva (2008) afirma que já no final do século XV a morfologia da língua era considerada moderna, mesmo apresentando características arcaicas. Isso porque já havia certa tendência de regularização de determinados aspectos da língua.

Observando o que a autora afirma a respeito dos verbos e das modificações que sofreram, constatamos que, naquele período, as formas de 2ª pessoa do plural apresentavam as terminações em *-des* e *-de*, mas o *-d* só era conservado em casos em que aparecia precedido de consoante, ou em verbos do infinitivo monossilábico, como em *tendes* (o *-d* é precedido da consoante *-n*) e *ledes* (do infinitivo *ler*).

Quanto aos participípios, os de 2ª conjugação terminados em *-udo* conservaram essa terminação apenas em *manteúdo* (mantido), *teúdo* (tido) e *conteúdo*, que posteriormente passaram a funcionar como substantivos. Haüy (2008, p. 85) constatou ainda que o português arcaico possuía além dos participípios regulares formados em *-ado*, *-udo* e *-ido*, formas irregulares de participípio, como é o caso de *comesto* de *comer*,

colheito de *colher*, *coseiteo* de *coser*, exemplos apresentados pela autora e por Paiva (2008).

Quanto ao particípio presente, Haury (2008) afirma que as formas terminadas em *-nte*, que assim se denominavam no português arcaico – resquícios do latim, sobreviveram até o século XVI, mas se transformaram depois em adjetivos (*amante*, *tirante*, *nascente*, *escrevente*, *pedinte*, *ouvinte*, *mediante*, *salvante*) e preposições (*durante*, *consoante*, *mediante*, *não obstante*, *tirante*). Nas formas compostas dos verbos era mais frequente o uso do verbo *haver* que o *ter*, e em alguns casos o *ser* era utilizado (*avemos passados*, *fosse nado*). No imperativo ocorria a troca do *e* e *o* que precediam a sílaba final do infinitivo por *i* e *u*, respectivamente (*aprender* – *aprinde*, *colher* – *culhe*, *sofrer* - *sufre e sobir* – *sube*). No que diz respeito ao pretérito perfeito dos verbos irregulares, a autora afirma que a primeira pessoa do singular terminava em *i* e a terceira, em *o*. Esse fato era o que distinguia as formas arcaicas das utilizadas no português moderno (*pugi*, *quigi e dixi*; *puso*, *quiso e feco*).

Finalizando sua explanação a respeito dos verbos, a autora apresenta o presente do indicativo, com formas arcaicas bem próximas do latim vulgar, como *comio* e *coimo*, enquanto isso o português moderno preferia utilizar o presente regular ou analógico, *como* e *durmo*. Tais escolhas foram regulamentadas pela analogia a outras formas, o mesmo se percebe em *pareasco* que resultou da influência, por exemplo, do infinitivo (*pareço*) (HAURY, 2008, p. 88).

Para melhor visualizar os aspectos do português arcaico que Haury (2008) destaca, observe o quadro 03:

QUADRO 03 – Descrição das formas verbais do português dos séculos XII ao XIV

	Formas iniciais da morfologia no português arcaico	Modificações sofridas
2ª pessoa do plural	Term. – <i>des</i> e – <i>de</i>	O – <i>d</i> só era conservado quando precedido de consoante, ou em verbos monossilábicos – <i>tendes</i> e <i>ledes</i>
Verbos do particípio ou 2ª conj.	Term. em – <i>udo</i>	Conservaram essa term. apenas em <i>manteúdo</i> (mantido), <i>teúdo</i> (tido) e <i>conteúdo</i> .
Particípio irregular	<i>Comesto</i> de comer, <i>colheito</i> de colher.	
Particípio presente	Term. – <i>nte</i> .	Manteve essa terminação até o século XVI e transformou-se em adjetivo e preposição, posteriormente, exemplo: <i>amante</i> e <i>durante</i> .
Imperativo	<i>E</i> e <i>o</i> precediam a sílaba final.	<i>I</i> e <i>u</i> passam a ser utilizados antes da sílaba final.
Pretérito perfeito dos verbos irregulares	Term. – <i>i</i> (1ª pessoa do singular) e – <i>o</i> (3ª pessoa)	A terminação era o que diferenciava os verbos irregulares do pretérito perfeito formados no PA (português arcaico – <i>pugi</i> , <i>quigi</i> , <i>dixi</i>) dos de PM (português moderno – <i>puso</i> , <i>quiso</i> , <i>feco</i>).
Presente do indicativo	<i>Comio</i> , <i>coimo</i>	<i>Como</i> , <i>durmo</i> (presente regular)

FONTE: HAUY, Amini Boainain. **A língua: características gramaticais.** IN: SPINA, Segismundo (org.). História da língua portuguesa. São Paulo: Ateliê, 2008, p. 62 a 99. (Adaptado)

Seguindo linearmente a ordem dos acontecimentos, temos o século XVI tomado por Coutinho (2005) como o marco divisório das duas fases importantes do idioma: a arcaica e a moderna. Para o autor, o fim do período de consolidação da língua é marcado pela publicação de obras literárias, como, por exemplo, o Cancioneiro Geral de Garcia Resende, em 1516. Tais fases, conforme o autor, apresentam diferenças em seus aspectos morfológicos, fonéticos, lexicais, sintáticos. (COUTINHO, 2005, p. 66)

Partindo dessas diferenças, encontramos em Paiva (2008) descrições acerca das modificações sofridas na morfologia do português do final do século XV ao XVI. Como já afirmamos, com base em Hauy (2008), desde o século XV que a morfologia vem se apresentando como moderna, mesmo existindo características arcaicas, no entanto, houve uma regularização gradual e crescente das formas das classes de palavras, melhor dizendo, no sistema fonético e morfológico da língua portuguesa.

Paiva (2008) aponta o princípio da analogia como responsável pela forma como os verbos iam se disciplinando. Assim a forma de 3ª pessoa do singular do presente do indicativo de verbos como *pesar*, era *pê:s*; depois, por analogia, acrescentou-se o *e* final depois de *s*, *r* e *l*, *pese*, no entanto, ainda havia as formas reduzidas, *di* (*dize*).

Verbos como *mentir*, *sentir*, na 1ª pessoa do singular e em todas do subjuntivo, apresentavam um *ç*, mas por analogia ele foi substituído pelo *t*, assim *menço* e *senço*¹ passaram a *mento* e *sento*. Já as formas atuais, segundo a autora, talvez por analogia com *servo* (*servir*), sofreram metafonia de *e* para *i*, *mino* e *sinto*. Verbos como *arder* e *jazer* tinham *d* e *z* substituindo o *ç*, *ardo* e *ardes*, *jazo* e *jazes*. *Pedir*, que tinha a primeira pessoa com *ç*, conservou formas com *d* (*pedi*) e com *ç* (*peço*). O verbo *cumprir* apresentava irregularidade, alternava entre *u* e *o* na raiz, mas, por analogia com outros verbos (por exemplo: *sumir*), manteve o *u* em toda a conjugação (*cumpro* – *compro*).

Quanto ao pretérito perfeito, havia vários verbos abundantes, com diversas formas. Paiva (2008) atenta ainda para os verbos terminados em *er*, pois a grande maioria passou a apresentar terminação em *ir*. *Querer* e *ter* passaram a apresentar futuro condicional e *vïir* e *põer* perderam a nasalização do infinitivo (*vir* e *por*). Entre outros verbos irregulares do português arcaico, a autora afirma que vários desapareceram e outros continuam ainda hoje, por exemplo, o verbo *ir*, que embora tenha sofrido muitas modificações (*i* ou *hy*; *hi*, *is* ou *hys*; *his*, *imos* ou *y mos*) resistiu ao tempo e está presente, ainda hoje, no português brasileiro contemporâneo.

O verbo *estar* teve as formas *estê*, *esteis* ou *estês*, *estem* substituídas por *esteja*, *estejais* e *estejam*, por influência de *seja* do verbo *ser*. Quanto aos participios da segunda conjugação terminados em *-udo*, atualmente *-ido*, foram substantivados. (PAIVA, 2008, p. 194)

O quadro 04 resume os aspectos apontados por Paiva (2008):

¹ Vale destacar que a letra “ç” era pronunciada diferentemente do que se fala no português contemporâneo. O “ç” era pronunciado como [ts] e depois como [t], com o desaparecimento do [s]. Daí a mudança, posteriormente, das palavras *menço* e *senço* para *mento* e *sento* (*mino* e *sinto*) como forma de tornar a escrita mais próxima da oralidade.

QUADRO 04 – Formas verbais e suas alterações do século XIV ao XVI

	Morfologia inicial	Modificações ocorridas
3ª pessoa do singular do presente do indicativo dos Verbos	<i>Pés</i> (pesar)	Acrescentou-se o <i>-e</i> final depois de <i>-s</i> , <i>-r</i> e <i>-l</i> . Exemplo: pese, quiere, vale. A forma reduzida <i>-di</i> (dize) permaneceu.
1ª pessoa do singular e todas do subjuntivo	Apresentam <i>-ç</i> (menço, senço)	Substituído por <i>-t</i> (mento, sento), dando origem às formas atuais, que sofreram metáfora de <i>-e</i> para <i>-i</i> (servo- servir - <i>Minto e sinto</i> .) Arder e jazer - <i>-d</i> e <i>-z</i> substituindo o <i>-ç</i> . Exemplo: ardo, ardes, jazo jazes Pedir- 1ª pessoa com <i>-ç</i> , conservou formas com <i>-d</i> e <i>-ç</i> . Exemplo: peço, pedes; pido, pides; peça, pida.
Pretérito perfeito	Term. <i>-er</i> . O verbo estar com formas <i>este, esteis e estes</i>	Terminação <i>-er</i> <i>Querer</i> e <i>ter</i> apresentaram futuro condicional. Exemplo: <i>querrei, querria, terrei, terria</i> . <i>Vir</i> e <i>pôr</i> perderam a nasalização do infinitivo. Exemplo: <i>virei, viria, porei, poria</i> . O verbo <i>estar</i> teve as formas substituídas por <i>esteja, estejais e estejam</i>
Particípios da 2ª conj.	Term. <i>-udo</i>	Terminação em <i>-ido</i> , os particípios foram substantivados. Exemplos: perdudo – perdido; teudo – tido; manteudo – mantido. Contudo, permanecem até hoje – conteúdo, manteúda e teúda.

FONTE: PAIVA, Dulce de Faria. **Morfologia**. In: SPINA, Segismund (org.). História da língua portuguesa. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008, p. 185 a 199. (Adaptado)

Essa abordagem acerca da história da língua portuguesa é fundamental para entendermos que, desde os primórdios da difusão dessa língua em nosso país, já existiam as variedades linguísticas e com elas a tentativa de unificar, delimitar as possibilidades linguísticas do português.

Segundo Silva Neto (1986, p. 13) a estrutura da sociedade é que determina a rapidez ou a lentidão dessas mudanças. Partindo desta afirmação e observando a

situação na qual o país se encontrava, torna-se necessário entender a questão do bilinguismo existente, como uma tentativa de renascimento da língua.

O autor atenta para o fato de que o bilinguismo é o momento no qual as línguas utilizadas travam uma batalha para resolver qual aquela que se sobressai, ou seja, a de maior prestígio (SILVA Neto, 1986, p. 38), já que a escolha de um idioma, ou de uma língua depende dos falantes que a utilizam.

Até então a morfologia era a protagonista das grandes modificações ocorridas na língua portuguesa, no entanto, ao final do século XIX e início do século XX a sintaxe do português brasileiro começou a sofrer modificações, o que contribuiu com a importância dada ao estudo da língua portuguesa nesse período. Segundo Ilari e Basso (2006, p. 85) o início do século também é marcado pela preocupação com a alfabetização em massa de todos os brasileiros, foi nesse tempo que criaram as campanhas de alfabetização e as primeiras escolas públicas começaram a funcionar e, junto com essas escolas, aumentou a preocupação em preservar a língua, numa tentativa de mostrá-la como sendo pura e estática. Essa preocupação com a língua permitiu que a literatura alcançasse o seu auge nesse século.

Sobre esse momento de mudança e fixação de normas na sintaxe do PB, Ilari e Basso (2006) afirmam

Não aconteceram no português europeu, no qual tudo continuou como antes (objetos pronominais expressos, omissão do sujeito pronominal, construção das orações relativas em forma padrão, uso liberado do sujeito posposto); só isso seria motivo para dar-lhes uma atenção especial. Mas para muitos estudiosos da sintaxe, elas têm um interesse a mais: é que de acordo com a teoria do linguista americano Noam Chomsky, não se trata de fatos independentes, mas de manifestações de um mesmo rearranjo pelo qual teria passado a sintaxe da língua. Simplificando muito, esse rearranjo consistiu em valorizar a posição que os sintagmas nominais ocupam em relação ao verbo como principal recurso para marcar a sua função. Entendamos o que isso significa: na arquitetura sintática adotada pelo português do Brasil, o sujeito já não “sai” de sua posição pré-verbal, porque essa posição o identifica como sujeito... (ILARI e BASSO, 2006, p. 85)

Os autores atentam para as primeiras modificações no sistema sintático do português brasileiro, as quais contribuem para que a língua portuguesa brasileira possa ser marcada por suas próprias características, distanciando-se cada vez mais da língua trazida pelos portugueses nos séculos anteriores. Hoje, ao falarmos da língua de nosso

país, dizemos que se trata da língua portuguesa brasileira, pois carrega consigo características próprias do povo brasileiro.

1.1 A atual formação dos verbos no particípio passado do português brasileiro

O verbo é o núcleo do sintagma verbal. Bechara (2005, p. 209) define os verbos como unidade de significado categorial que se caracteriza por ser um molde pelo qual organiza o falar seu significado lexical. Ainda segundo o autor, além de apresentarem significado verbal, eles ainda carregam elementos (morfemas) que indicam tempo, modo, pessoa e número.

Ainda segundo Bechara (2005), os tempos verbais são o presente, passado e futuro; os modos podem ser indicativo, subjuntivo, condicional, optativo, imperativo; e as pessoas são aquelas três indicadas pelo discurso, para o singular e plural (eu, tu, ele, nós, vós, eles). Além dessas características os verbos ainda apresentam as vozes – ativa (forma que o verbo apresenta para indicar que a pessoa a que se refere é o agente da ação verbal), passiva (indica que a pessoa é o objeto da ação verbal, ou seja, paciente da ação verbal), e reflexiva (indica que a ação verbal não passa a outro ser, podendo reverter-se ao próprio agente e atuar reciprocamente entre mais de um agente, sentido de “passividade² com se” e sentido de impessoalidade), tais vozes são representadas nos respectivos exemplos, “*nós escreveremos o texto*”, “*o texto será escrito por nós*”, e, “*ele se arruma*”.

Os verbos da língua portuguesa também apresentam formas nominais, pois “além do valor verbal que conotam, podem desempenhar a função de nomes” (BECHARA, 2005, p. 224). Essas formas são chamadas de infinitivo, particípio e gerúndio e não definem as pessoas do discurso, com exceção do infinitivo flexionado.

Bechara (2005) declara que o infinitivo pode funcionar como substantivo e pode definir a pessoa do discurso quando flexionado (cantar eu, cantares tu). O gerúndio pode assumir a função de advérbio ou adjetivo. E o particípio pode ter a função de um adjetivo, e é esta forma nominal que interessa a este trabalho.

² Bechara (2005, p. 222) afirma que passividade é o fato de a pessoa receber a ação verbal. A passividade nem sempre corresponde à voz passiva, mas sim ao sentido do verbo, ou seja, a oração “os criminosos recebem o merecido castigo” é um exemplo de que a passividade ocorre também pela voz ativa.

Sobre o particípio, um fator que o caracteriza é a regularidade de verbos abundantes, que segundo Bechara (2005, p. 224) apresentam mais de uma forma:

ABUNDANTE é o verbo que apresenta duas ou três formas de igual valor e função: *havemos e hemos; constrói e construi; pagado e pago; nascido, nato, nado* (pouco usado). Normalmente esta abundância de forma ocorre no particípio. (BECHARA, 2005, p. 227)

Ainda segundo Bechara (2005), há muitos verbos que admitem duas ou mais formas do particípio: uma regular, terminada em *-ado* (1ª conjugação) ou *-ido* (2ª e 3ª conjugação) e outra irregular, advinda do latim, ou de outras formas nominais que assumirão a função de verbos, com terminações em *-to* ou criada por analogia com modelo preexistente. Vale ressaltar que essa nomenclatura utilizada (regular e irregular) está inteiramente relacionada à vogal temática, que em alguns casos é mantida (forma regular – pagar / pagado) e em outros desaparece (forma irregular – pagar / pago). Além dessas afirmações, Bechara (2005, p. 229) ainda enfatiza a voz em que elas ocorrem: ativa (pagado) e passiva (pago).

O gramático acrescenta à lista de Coutinho (2005), os seguintes verbos:

QUADRO 05: Verbos abundantes no português, apresentados por Bechara (2005)

INFINITIVO	PART. REGULAR	PART. IRREGULAR
Findar	Findado	Findo
Gastar	Gastado	Gasto
Juntar	Juntado	Junto
Pasmar	Pasmado	Pasmo
Arrependar	Arrependido	Repeso ou arpeso
Desenvolver	Desenvolvido	Desenvolto
Prender	Prendido	Preso
Revolver	Revolvido	Revolto
Desabrir	Desabrido	Desaberto
Inserir	Inserido	Inserto

FONTE: BECHARA, Evanildo. Moderna gramática portuguesa. 38ª edição revisada e ampliada. 19ª impressão. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. (Adaptado)

Os demais verbos apresentados por Bechara (2005, p. 229) também são citados por Bagno (2002) e apresentados no quadro 06, a seguir.

QUADRO 06: Verbos abundantes no português brasileiro

INFINITIVO	PART. REGULAR	PART. IRREGULAR
Aceitar	Aceitado	Aceito
Acender	Acendido	Aceso
Assentar	Assentado	Assente/assento
Eleger	Elegido	Eleito
Entregar	Entregado	Entregue
Envolver	Envolvido	Envolto
Enxugar	Enxugado	Enxuto
Erigir	Erigido	Erecto
Expressar	Expressado	Expresso
Exprimir	Exprimido	Expresso
Expulsar	Expulsado	Expulso
Extinguir	Extinguido	Extinto
Frigir	Frigido	Frito
Ganhar	Ganhado	Ganho
Imprimir	Imprimido	Impresso
Isentar	Isentado	Isento
Limpar	Limpado	Limpo
Matar	Matado	Morto
Pagar	Pagado	Pago ³
Pegar	Pegado	Pego
Salvar	Salvado	Salvo
Suspender	Suspendido	Suspense
Tingir	Tingido	Tinto

FONTE: BAGNO, Marcos. *Tinha chego ou chegado?* Carta Fundamental, São Paulo, nº 41, 2012.

Destacamos o verbo *pegar*, no quadro 06, porque, segundo Bagno (2012), a forma irregular não era considerada pela gramática da língua portuguesa, no entanto,

³ A forma irregular do particípio passado do verbo pagar – pago é exclusiva do português brasileiro, pois o latim transmitiu às línguas românicas apenas a forma regular – *pacatum*. (SAID ALI, 1996).

como era bastante usada por falantes de variedade urbana prestigiada, “recebeu uma nota nos dicionários da época em que se afirmava Pêgo: part. pop. bras. de pegar (Só os incultos empregam este termo)” (BAGNO, 2012, p. 47). Com o passar do tempo, incorporou-se à gramática da língua, e desde então foram consideradas corretas as duas formas para o verbo.

Bechara (2005) aponta ainda a forma regular como aquela que, em geral, é mais utilizada e conjugada com os auxiliares *ter* e *haver*, denomina irregular aquela acompanhada dos auxiliares *ser*, *estar* e *ficar*.

Bagno (2012) afirma que está ocorrendo um processo inverso no uso desses participípios, pois, durante um longo período, a escolha realizada pelos falantes estava relacionada à forma regular dos verbos, e atualmente, o processo que se verifica é inverso, porque a forma irregular está se tornando mais regular. Dois fatores são apontados pelo linguista para explicar essa escolha: primeiro, “existindo duas formas variantes A e B, a que for menos usual, menos intuitiva deve ser a mais correta” (BAGNO, 2012). Esse primeiro fator se explicaria pelo fenômeno da hipercorreção, já que os falantes, em grande maioria, são movidos por certa insegurança linguística; segundo, essa escolha pode estar sendo influenciada por analogia com outras formas advindas do latim, seria este fator que estaria motivando os participípios passados inovadores, de maneira a relacioná-los aos irregulares, mais regulares.

Dessa forma, os participípios inovadores – tinha *chego* e tinha *trago* – seriam composições criadas por analogia com as formas reconhecidas pela gramática, por exemplo, os participípios – tinha *gasto* e tinha *pagó*.

1.2 O participípio passado dos verbos no português brasileiro

Embora a configuração que Moura Neves (2000) dá à sua gramática de usos se aproxime, em determinados pontos, das classificações das demais gramáticas, percebemos que há uma expansão nas suas exemplificações e explanações, de forma a garantir maior proximidade com os exemplos captados no uso do português.

Sobre os verbos, Moura Neves (2000) afirma que constituem o predicado das orações, ou seja, são considerados o núcleo da predicação, já que toda oração requer, antes de mais nada, um predicado. Além disso, a autora destaca que o predicado

apresenta restrições de seleção, além de elementos que apontem para a categoria, o número e a função semântica dos termos. Dessa consideração de verbos enquanto predicados, Moura Neves (2000, p. 25) exclui aqueles que modalizam, indicam aspecto e auxiliam a indicação de tempo e de voz.

No que se refere ao particípio passado dos verbos, a autora explora-os no tópico que aborda os verbos aspectuais, ou seja, o que segundo ela, forma perífrases ou locuções que indicam: a) aspecto resultativo, em que o verbo é utilizado no particípio passado em sua forma regular, como exemplo ela cita “*o problema dos homens está resolvido*” e “*ficou acertado que o Banespa não será privatizado*”; b) para indicar repetição do evento, com ideia de frequência da ação, é o caso utilizado em “*tenho saído com ele*”, e “*tem comprado muitos presentes*”. (MOURA NEVES, 2000, p. 64)

Além dessa abordagem, a autora ainda ressalta que o particípio conjuntamente com os verbos *ter* e *haver* indicam tempos compostos de passado, e exemplifica: “*Em janeiro, Menem já tinha cortado US\$ 1 bilhão*”, “*a empresa havia decidido esse ponto de acordo*”.

Por fim, ela detecta que para construir orações na voz passiva o verbo *ser* junta-se com o particípio de outro verbo: “*o meliante foi morto com um tiro na nuca*”, “*o pagamento será feito antecipadamente*”.

Há ainda, segundo a autora, a formação de uma voz passiva, que indique estado, mediante a utilização do auxiliar *estar*: “*O estádio está interditado*”, “*ele estava impedido de falar sobre o assunto*”.

Percebemos com isso que a autora apresenta a regra do uso do particípio da seguinte forma:

- a) Com o auxiliar *ter* e/ou *haver* mais o particípio do verbo principal – formam-se os tempos compostos na voz ativa;
- b) Com o auxiliar *ser* mais o particípio do verbo principal – têm-se formado os tempos da voz passiva de ação;
- c) Com o auxiliar *estar* junto ao particípio do verbo principal – formam-se os tempos da voz passiva de estado.

1.3 Português brasileiro e variação linguística

Por muito tempo, acreditava-se no mito da língua homogênea e da fala como representação da escrita. Defendia-se também a ideia do correto e do errado. Assim as produções e ocorrências da língua que se aproximassem dos textos dos grandes escritores da literatura, como Camões, era o português correto, e tudo o que se distanciasse dessa característica erudita seria errado, inaceitável gramaticalmente.

No entanto, com o advento da sociolinguística e com os estudos relacionados à história da língua portuguesa, identificou-se uma língua de grandes transformações, que marcavam um processo constante de variações. Levando em consideração essas modificações na língua, Bagno (2008) afirma que se trata de variedades da língua produzidas por falantes de diversas regiões, crenças e níveis de escolaridade:

Aquilo que a gente chama, por comodidade, de português não é um bloco compacto, sólido e firme, mas sim um conjunto de “coisas” aparentadas entre si, mas com algumas diferenças. Essas “coisas” são chamadas variedades. (BAGNO, 2008, p. 19)

Segundo Bagno (2008) a língua é heterogênea, porque apresenta variações linguísticas e carrega consigo dialetos⁴ que marcam características linguísticas e extralinguísticas de seus falantes. Partindo dessa afirmação, faz-se necessário associar os estudos de língua à ideia de sociedade, pois para entender essa mistura, essas variações linguísticas, é preciso considerar a sociedade enquanto lugar de interação e diversidade cultural e social.

Assim, diante de um país com tamanha variedade de costumes, crenças e diversidade, como é o caso do Brasil, não se concebe a ideia de haver uma língua estática, sem movimento e modificações. O que se torna necessário, nesse contexto, é a aceitação da heterogeneidade linguística, pois, dessa forma, preconceitos, estigmas e prestígios seriam anulados (BAGNO, 2007). Com o estudo do português através dos

⁴ Bagno (2007, p. 19) afirma que o “termo é usado há muitos séculos, desde a Grécia antiga, para designar o modo característico de uso da língua num determinado lugar, região, província, etc. Muitos linguistas empregam o termo dialeto para designar o que a sociolinguística prefere chamar de variedade.”

falares dos mais de 190 milhões de brasileiros, se entenderia que é essa diversidade que desenvolve a unidade linguística do nosso país (SILVA NETO, 1986, p.525). Vale ressaltar que este autor aponta para a ideia de que unidade não significa igualdade, mas é a diversidade dos falares que incorpora, integra a unidade linguística do país.

Os falares rurais e urbanos das cinco regiões do Brasil são próprios de suas culturas, são marcas de seus povos. “A homogeneidade linguística, uma única forma de se expressar utilizando a língua portuguesa, não existe nem em nosso país nem em outro qualquer, pois toda língua humana é heterogênea por sua própria natureza” (BAGNO, 2007, p. 57), já que cada falante carrega consigo a possibilidade de comunicar-se, cada pessoa utiliza a língua da forma que deseja e acredita ser a melhor maneira para o momento da comunicação. Se observarmos os falantes mais velhos do PB, iremos perceber que eles recorrem a formas mais arcaizantes da língua, podendo, inclusive, ser desconhecidas dos jovens; assim como a linguagem utilizada pelos jovens do século XXI pode ser, em alguns pontos, desconhecida dos idosos. Esse fato acontece justamente por causa desse processo de variação e transformação pelo qual a língua passa. Vale ressaltar que essas variações não interferem na comunicação entre os falantes. As variações são mais frequentes no nível fonético, ou melhor, é perceptível com maior rapidez e frequência neste nível. No entanto, o mesmo acontece na morfologia e na semântica, mas de maneira lenta e disfarçada.

A respeito dessas transformações por que passa a língua, Silva Neto (1977), afirma

Mas a verdade é que a língua, longe de ser um organismo, é um produto social, é uma atividade do espírito humano. Não é, assim, independente da vontade do homem, porque o homem não é uma folha seca ao sabor dos ventos veementes de uma fatalidade desconhecida e cega. (SILVA NETO, 1977, p. 18)

Levando em consideração a citação acima, podemos perceber a proximidade existente entre a língua e o indivíduo na sociedade e em meio a suas situações sociocomunicativas. Para melhor exemplificação, parafraseamos o filósofo Heráclito: “ninguém pode banhar-se duas vezes no mesmo rio”, o mesmo acontece com a língua, ela está sempre passando, modificando e inovando-se. Assim, os chamados “erros” de

hoje podem ter sido a forma correta de ontem, isso porque as formas novas não param de surgir, concorrem com as mais antigas até eliminá-las e transformá-las em formas passadas (BAGNO, 2008, p. 171).

1.4 Preconceito linguístico

Em pleno século XXI nos deparamos com uma constante luta contra todas as formas de preconceito, sejam elas raciais, sociais, culturais ou sexuais, no entanto, sobre o preconceito linguístico pouco se fala, pouco se sabe.

Para Bagno (2013) o preconceito linguístico está diretamente relacionado à confusão criada no decorrer da história, entre língua e gramática normativa, vistas como sinônimos. Essa confusão apresentada pelo autor nos faz questionar qual o real significado de língua e de gramática. O que é a língua? O que é gramática normativa?

Bagno (2013) de forma clara nos apresenta a língua como sendo ampla, a que permite renovar-se no dia-a-dia pela interação entre as pessoas, estando sempre em constante movimento, sofrendo transformações. Ao contrário da gramática normativa que é estática, apresenta, apenas, um lado da língua, aquele de maior prestígio na sociedade. A gramática envelhece e só se renova quando vier outra, muitas vezes, ela não acompanha as mudanças sofridas pela língua no decorrer do tempo.

Alguns gramáticos, no entanto, persistem na ideia de que a língua é pura, homogênea, fato impossível de ser considerado em países como o Brasil, com uma extensa expansão territorial e diferentes povos. Além disso, como já dissemos, a língua está em constante relação com a sociedade, dividida, no nosso caso, por grandes injustiças sociais que contribuem para um verdadeiro abismo linguístico entre os falantes das variedades estigmatizadas do português brasileiro e os falantes das variedades prestigiadas. (BAGNO, 2013, p.28).

Esse grande abismo linguístico ainda existe porque a educação com qualidade ainda é privilégio de poucos, e uma grande quantidade de brasileiros permanece à margem do domínio das formas prestigiadas de uso da língua (BAGNO, 2013). Muitos ainda só mantêm esse contato quando se deparam com as leis do nosso país e

apresentam sérias dificuldades de compreensão, já que são redigidas exclusivamente na norma-padrão.

Cabe, pois, aqui, citarmos Gnerre (apud BAGNO, 2013) que declara “a constituição afirma que todos os indivíduos são iguais perante a lei, mas essa lei é redigida numa linguagem que só uma parcela reduzida de brasileiros consegue entender”, o que não significa serem necessárias mudanças na escrita de tais leis, mas sim, uma mudança imediata no acesso de todos os brasileiros a uma educação pública de qualidade.

Alguns falantes que apresentam desvio das regras gramaticais da língua portuguesa não o fazem porque quiseram errar, mas numa tentativa de acertar. Aliás, é preciso rever essa ideia de erro, que tanto colabora para a profusão do preconceito linguístico. Para Bagno (2013),

Ninguém comete erros ao falar sua própria língua materna,[...] Só se erra naquilo que é aprendido, naquilo que constitui um saber secundário, obtido por meio de treinamento, prática e memorização [...] A língua materna não é um saber desse tipo: ela é adquirida pela criança desde o útero, é absorvida junto com o leite materno. Por isso, qualquer criança entre 4 e 5 anos de idade (se não menos) já domina plenamente a gramática de sua língua. (BAGNO, 2013, p. 149)

O mesmo autor ainda cita Perini (1996): “qualquer falante do português possui um conhecimento implícito altamente elaborado da língua, muito embora não seja capaz de explicitar esse conhecimento”. Dessa forma, não podemos afirmar que a criação das formas verbais inovadoras do particípio passado observadas neste trabalho sejam consideradas erros, mas sim formas que buscam adequar-se àquilo que consideramos ser mais aceitável por parte do(s) interlocutor(es) com o(s) qual(is) nos comunicamos.

Mesmo que inconscientemente o falante tende a adaptar sua linguagem à situação de uso, seja ela formal ou informal, ultrapassando, nesse caso de inovação das formas do particípio passado do português brasileiro, o que diz a gramática (por exemplo, o verbo chegar não apresenta particípio irregular).

CAPÍTULO II

2.1 Metodologia

O presente trabalho é descritivo, de cunho qualitativo. Segundo Gil (2008) a pesquisa descritiva busca, como o próprio nome sugere, descrever as características determinadas de uma dada região, ou seja, ao observar um espaço, será aplicada e avaliada a forma como aquele povo se comporta. No nosso caso, a pesquisa procura descrever como os sujeitos utilizam determinadas formas da língua portuguesa, e em quais momentos recorre à linguagem culta ou a coloquial.

A pesquisa descritiva é baseada na descrição, análise, observação, registro e correlação dos fatos, sem manipulação dos resultados, procurando-se descobrir com que frequência o fenômeno ocorre e a sua relação com outros fatores. No caso deste trabalho, será observada a relação entre os PPI, utilizados pelos sujeitos de nossa pesquisa, com aquelas do participio arcaico da língua portuguesa. Não nos preocupamos em verificar período e localidade de surgimento desses PPI, nem a relação entre a idade dos sujeitos e o uso desses PPI.

2.2 Sujeitos da pesquisa

Para a seleção dos sujeitos participantes da pesquisa estabelecemos como critério de escolha aqueles que apresentam uma consciência linguística mais desenvolvida, por isso focamos a pesquisa nos alunos do ensino médio (de 1º ao 3º ano normal e EJA) da rede pública estadual da cidade de Barra de São Miguel, localizada no Cariri Oriental paraibano.

São alunos que concluíram o ensino fundamental na rede municipal dessa cidade e que estão na faixa etária de 15 a 37 anos, predominando a idade de 22 anos. Eles são da zona rural e urbana e não mantêm contato com os grandes centros urbanos, a exemplo de Recife, Salvador, Rio de Janeiro e São Paulo, salvo alguns cujos familiares que moram em determinadas cidades do Sudeste, vez ou outra vêm visitar a família. Esse não-contato com grandes centros urbanos garante que o uso das formas inovadoras de participio não é influência externa, ou melhor dizendo, não é um aspecto atual da

língua, mas pode ser vestígios do passado da língua portuguesa. Além dos alunos, também consideramos outros sujeitos que realizam a ocorrência de tais formas inovadoras⁵, bem como: amigos pessoais, funcionários da escola e uma atendente de empresa privada da cidade de Campina Grande.

Esta pesquisa foi dividida em duas etapas. A primeira constitui-se da gravação e, depois, observação do uso das formas inovadoras do particípio passado por estudantes do ensino médio, em sua maioria, e também por demais pessoas com as quais tivemos contato durante a coleta dos dados, destacamos: funcionários da escola, amigos pessoais e atendentes de empresas privadas. Neste primeiro momento participaram 66 sujeitos, dos quais 23 utilizaram as formas inovadoras dos verbos *chegar*, *passar* e *trazer*, ou ao menos apresentaram dúvida quanto à forma “correta” de usá-los.

A gravação foi realizada entre agosto e dezembro de 2014, as ocorrências que apresentaram maior número e foram proferidas pelos sujeitos observados também foram escolhidas para compor o questionário que cumpre a segunda etapa desta pesquisa.

Na segunda etapa, produzimos um questionário que foi dividido em duas partes: objetiva e discursiva, para que os sujeitos indicassem a maneira como utilizam os verbos. Optamos por destacar, neste questionário, os verbos que apresentaram maior ocorrência das formas inovadoras na fala dos sujeitos que foram observados na etapa inicial. Com a aplicação desse questionário esperávamos que os sujeitos refletissem sobre as formas verbais utilizadas e sobre como estão utilizando tais verbos. Responderam a este questionário 100 sujeitos, número que inclui alunos e funcionários da escola. Excluimos desta etapa os atendentes de empresas privadas por não ter ocorrido à possibilidade de encontrá-los em um segundo momento.

Dessa forma, ao todo, participaram da pesquisa 136 sujeitos, sendo que 47 participaram das duas etapas.

⁵ Referimo-nos as formas inovadoras como aquelas que são desconsideradas pela gramática normativa da língua portuguesa, ou seja, aquelas que os falantes utilizam e não fazem parte da língua padrão.

QUADRO 07: Perfil dos sujeitos participantes da pesquisa

Sujeitos participantes	Faixa etária	Origem	Escola frequentada	Nº de participantes na coleta de dados	
				1ª etapa	2ª etapa
Alunos do Ensino Médio Normal	15 a 20 anos	Zona rural e urbana	Pública – Rede Estadual	23 (alunos do 1º ano)	87
Alunos do Ensino Médio EJA	22 a 37 anos	Zona rural e urbana	Pública – Rede Estadual	20 (alunos do 2º ano)	34
Amigos pessoais e funcionários da escola	23 a 49 anos	Zona urbana	-	20	15
Atendente de empresa particular	~ 25 anos	Zona urbana	-	03	-

Para participarem da pesquisa, todos os sujeitos ao final da segunda etapa assinaram um termo de consentimento, que garante tanto o seu anonimato, como o compromisso de que os dados coletados serão utilizados apenas para fins da pesquisa, já que nosso interesse principal é identificar e descrever as formas inovadoras de participação passado e seus usos.

2.3 Coleta de dados

Como dissemos acima, os dados analisados foram coletados em 2 etapas. Na primeira etapa observamos quais as formas inovadoras do participação passado os alunos estavam utilizando, ou mesmo se havia dúvida quanto à forma “correta” de conjuga-los.

Dessa forma, para coletarmos os dados observados utilizamos-nos da gravação e transcrição dos exemplos observados durante as aulas da disciplina de língua portuguesa, durante os meses de julho a novembro de 2014, nas turmas do 1º ano normal do ensino médio e 2º ano EJA, também do ensino médio.

As gravações de áudio foram realizadas pela professora e pesquisadora, que ao final do expediente ou quando achava necessário realizava a transcrição das formas inovadoras coletadas de modo que não se perdesse nenhum exemplo coletado. Por ser professora e pesquisadora, optamos por utilizar nossos próprios alunos como sujeitos da pesquisa porque seria mais fácil o acesso a eles dentro da escola, já que tentamos assistir aulas de outros professores para observarmos a ocorrência dos verbos inovadores e não tivemos êxito. Coletamos, ainda, o áudio por meio de conversas informais realizadas no pátio e na secretaria da escola, bem como em conversas com amigos próximos em casa, pois observamos que alguns desses amigos também faziam uso de tais formas inovadoras.

Após essa primeira etapa de observação e gravação dos exemplos coletados, realizamos a transcrição das ocorrências das formas inovadoras proferidas pelos sujeitos observado, após essa transcrição iniciamos a produção de um questionário que deveria ser respondido pelos alunos, funcionários e amigos mais próximos. Esse questionário compôs a segunda etapa desta pesquisa. Para que pudéssemos alcançar os objetivos que buscávamos, optamos por colocar neste questionário os exemplos que apresentaram maior ocorrência na oralidade, assim, os verbos que foram descritos no questionário foram: *trazer*, *chegar* e *passar*, além dessas formas optamos por incluir o verbo *ganhar* que apresenta a forma regular (*ganhado*) e a forma irregular (*ganho*) de modo que se verificasse qual a forma mais utilizada pelos sujeitos, 136 sujeitos participaram desta segunda etapa, incluindo 47 dos observados na primeira. O questionário apresentava uma questão objetiva e outra discursiva.

Inicialmente os sujeitos deveriam assinalar a opção/forma verbal mais recorrente na sua fala ou escrita. Para esta questão recorreremos às orações coletadas em que são utilizadas as formas inovadoras do particípio passado. A segunda questão pedia para o aluno explicar o motivo da escolha das assertivas assinaladas na questão anterior, em outras palavras, qual a mais recorrente (ver apêndice, página 57).

Esta segunda etapa foi realizada entre outubro e novembro de 2014, na escola estadual Melquíades Tejo, na cidade já citada. Aplicamos o questionário nas turmas do

1º, 2º e 3º ano do ensino médio normal e no 2º e 3º ano do ensino médio EJA. Após essa aplicação nas turmas do ensino médio, aplicamos o questionário com alguns funcionários da própria escola e em outro momento com alguns amigos mais próximos.

2.4 Plano da análise dos dados

Tendo sido realizada a coleta de dados através das duas etapas descritas no item acima, realizamos uma análise quantitativa e qualitativa dos participios passados irregulares identificados. Na quantitativa, levamos em consideração a recorrência dos PPI nas gravações de áudio feitas tanto nas aulas quanto nas conversas informais e os tipos de respostas encontrados na questão discursiva do questionário.

Na análise qualitativa, consideramos os aspectos linguísticos atuais das formas verbais, a saber: conjugação, verbo regular ou irregular, analogia com outros verbos que apresentam o mesmo tipo de participio; e os aspectos diacrônicos da formação dos participios passados em português, para isso, valemo-nos das considerações apontadas pelos teóricos abordados na fundamentação desta pesquisa.

Como dissemos, o questionário foi elaborado a partir da ocorrência das formas verbais inovadoras observadas no momento da gravação (etapa inicial). Assim, as ocorrências mais frequentes na modalidade oral dos sujeitos foram repassadas para a escrita na forma do questionário. Por isso a nossa análise partiu da relação quantitativa entre as duas etapas, melhor dizendo, analisamos através da primeira questão se os sujeitos percebiam, pela escrita, a maneira como estavam utilizando os verbos *trazer*, *chegar* e *passar* no participio passado. Pudemos notar que a maioria dos que utilizam a forma inovadora consegue reconhecer o seu uso na oralidade, pois foi a opção escolhida no questionário, no entanto, outros não reconhecem as formas inovadoras e outros ainda apresentaram dúvida quanto a opção correta que deveriam assinalar.

Com isso, alguns sujeitos, na questão discursiva, disseram não ter certeza da opção assinalada anteriormente, pois nem sempre falavam da maneira “correta”, assim passavam a considerar todos os verbos abordados no questionário como sendo abundantes, ou seja, com a forma regular e irregular corretas.

Como optamos por mesclar os verbos que apresentam formas inovadoras com um que apresenta as duas formas (regular e irregular), o verbo – *ganhar*, tentamos

entender o que poderia estar acontecendo, se uma analogia com os abundantes ou uma tendência à irregularidade das formas verbais.

Notamos que alguns sujeitos que utilizam a forma inovadora dos verbos consideram a regular – *ganhado* - correta e desconsideram, ou quase não utilizam a irregular – *ganho*. No entanto, a maioria dos que utilizam a forma inovadora reconhecem o verbo *ganhar* como abundante e podem estar analogicamente transformando os verbos que só apresenta a forma regular do particípio passado em abundantes, por isso criaram a forma irregular.

Foi o que percebemos durante a análise do questionário, como a questão objetiva apresenta dois exemplos de cada verbo (dois regulares e dois irregulares) notamos que nem sempre o sujeito da pesquisa optou pela mesma forma assinalada nos dois exemplos, ou seja, em alguns questionários, no que se refere ao verbo - *trazer*, a forma regular - tinha *trazido* foi assinalada, enquanto que no segundo exemplo do mesmo verbo a opção marcada foi a inovadora – tinha *trago*. O que pode explicar esta ocorrência é, justamente, a analogia com verbos abundantes, pois o mesmo processo ocorre com *pagar* (pagado e pago), *aceitar* (aceitado e aceito).

Outros casos que detectamos na análise dos dados coletados nas duas etapas foi o que Bagno (2012) afirma e citamos no capítulo inicial de fundamentação teórica, a forte tendência à irregularidade dos verbos, ou seja, os verbos considerados abundantes apresentam sua forma irregular mais forte, é mais utilizada, sendo assim, àqueles verbos que apresentam a forma regular, apenas, estão sendo modificados pela ocorrência de tais formas inovadoras, é o caso observado com o verbo – *chegar*, que é regular e apresenta a forma - tinha *chegado* como aquela considerada correta pelas gramáticas de língua portuguesa, contudo essa tendência à irregularidade está fazendo com que os falantes utilizem cada vez menos a regular (chegado) trocando-a pela inovadora – tinha *cheço*, o que pode, com o tempo, modificar o sistema verbal do português brasileiro. Vale lembrar, que essa modificação ocorreu com o verbo *pegar*, que durante muito tempo só apresentava a sua forma regular – *pegado*, alguns falantes começaram então a utilizar uma forma inovadora correspondente a irregular – *pêço*, e atualmente, para as gramáticas de língua portuguesa o verbo *pegar* é considerado abundante.

No capítulo seguinte, abordaremos mais detidamente essas questões quantitativas e qualitativas.

CAPÍTULO III

3. Análise e discussão dos resultados

Observando a história da língua portuguesa, buscamos analisar a relação existente entre os verbos do sistema linguístico do português, em sua forma arcaica, e as novas criações e/ou mudanças que ocorrem, por exemplo, na formação de particípio passado dos verbos, em formas desconsideradas pelas gramáticas normativas do português brasileiro.

Este capítulo apresenta a análise da pesquisa, a gravação de áudio e o questionário aplicado. E está dividido em duas partes. A primeira oferece uma análise quantitativa dos dados coletados, o número de sujeitos que utilizaram as formas inovadoras, os casos em que os PPI ocorrem. Para isso, valemo-nos de gráficos que melhor explanam o que está sendo apresentado e analisado.

A segunda parte expõe uma visão qualitativa dos dados coletados, apresentando primeiro - uma análise relativa ao tipo de verbo observado, nesse caso, o particípio, segundo - a analogia com os verbos abundantes, terceiro - a estrutura dos particípios e quarto a intuição dos falantes ao justificarem o uso desses PPI, ou seja, consideramos os aspectos linguísticos que favorecem a criação das formas inovadoras.

Dessa forma, para as análises apresentadas neste capítulo utilizamos os verbos *chegar*, *passar* (no sentido de ser aprovado em exames) e *trazer* em suas formas inovadoras do PPI – *chego*, *passo* e *trago*, não porque foram os únicos verbos utilizados pelos falantes, mas sim por apresentarem maior número de ocorrência.

3.3 Identificação e recorrência dos particípios passados inovadores: análise quantitativa

Dentre os verbos que mais se destacaram apresentando uma forma inovadora para o particípio passado, o exemplo de maior recorrência na transcrição dos áudios e na análise do questionário é o verbo *chegar*, utilizado frequentemente no PPI – tinha *chego*. No entanto, como já afirmamos, para a gramática normativa este verbo não é

considerado abundante (de duas formas – regular e irregular), mas, apenas regular (tinha chegado).

Assim como o verbo *chegar*, outros verbos estão passando por esse mesmo processo de criação de formas irregulares que represente o particípio passado, são eles: *trazer – trazido* (forma regular existente), - *trago* (forma irregular inovadora); *passar – passado* (forma regular existente), - *passo* (forma irregular inovadora), comprar – comprado (forma regular), compro (forma irregular).

Para melhor verificação da ocorrência dessas formas inovadoras de PPI, vejamos, a seguir, exemplos coletados pelas gravações (e posteriormente transcritos).

Sujeito 01: *Pensei que ele já tivesse chego.*

Data da ocorrência: agosto de 2014.

Situação de uso: conversa informal entre alunos no corredor da escola.

Sujeito 02: *Eu devia ter trago o meu vestido.*

Data da ocorrência: setembro de 2014

Situação de uso: conversa informal entre familiares

Sujeito 03: *Professora, me desculpe por ter chego atrasado!*

Data da ocorrência: junho de 2014

Situação de uso: conversa formal na sala de aula de língua portuguesa

Sujeito 04: *Ligaram para mainha dizendo que ela tinha ganho um prêmio.*

Data da ocorrência: maio de 2014

Situação de uso: situação informal, conversa telefônica entre amigas.

Sujeito 05: *Professora diga a ele que eu já tô passo.*

Data da ocorrência: novembro e dezembro de 2014

Situação de uso: situação formal na sala de aula de língua portuguesa.

Sujeito 06: *Era para vocês terem trago mês passado.*

Data da ocorrência: outubro de 2014.

Situação de uso: conversa formal de funcionária em atendimento em empresa privada.

Vale salientar que, na modalidade oral, a forma inovadora mais recorrente é a do verbo chegar, que apareceu em, pelo menos, 33 eventos comunicativos verificados na gravação de 23 que utilizaram as formas inovadoras.

Considerando estes falantes que utilizam frequentemente a forma inovadora, aproximadamente 48 falantes, também optam pelas formas irregulares dos verbos abundantes, como se considerassem a regular errada, ou desprestigiada.

O gráfico 01 a seguir expõe com clareza a recorrência dessas formas inovadoras:

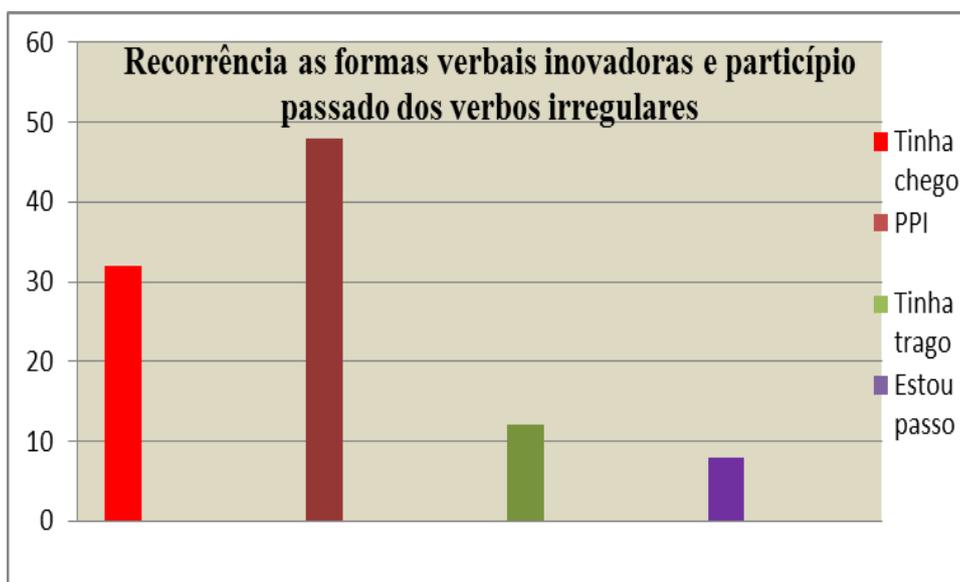


GRÁFICO 01: Recorrência das formas verbais inovadoras e do particípio passado dos verbos irregulares.

Se observarmos a forma inovadora *passo* – *passar* e o seu auxiliar, vemos que se trata do verbo estar, indicando, dessa forma, estado, na voz passiva do tempo composto.

QUADRO 08: Frequência das formas inovadoras –*tinha chego*, - *tinha trago* e *tinha passo*.

LOCUÇÃO VERBAL PRODUZIDA	FREQUÊNCIA
<p>TER/ HAVER</p> <p>Tinha trago, tinha chego / havia chego, havia trago</p>	<p>~ 72% utilizaram – tinha chego</p> <p>~ 21% utilizaram – tinha trago</p>
<p>SER/ESTAR</p> <p>Foi passo/ estou passo</p>	<p>~12% utilizaram tinha passo</p>

Diante desse quadro de frequência das formas inovadoras resta-nos a pergunta: como e por que se dá esse processo de criação de formas inovadoras do particípio passado irregular? É essa questão que tentaremos entender adiante.

Buscando encontrar respostas para a questão acima, transcrevemos os exemplos observados na fala dos sujeitos para realizarmos um teste e verificarmos se os mesmos percebem essa recorrência. Iniciemos, pois, pelo primeiro teste em que se propunha analisar qual a forma verbal utilizada com maior frequência para o particípio passado do verbo *ganhar*. As orações utilizadas neste teste foram as seguintes:

- 1) Ela disse que tinha ganho o jogo.
- 2) Ela disse que tinha ganhado o jogo.

A opção de maior recorrência entre os sujeitos foi a segunda (tinha ganhado) com 81 escolhas (59%), a primeira (tinha ganho) foi assinalada por 54 (40%) e apenas *uma pessoa* (1%) considerou as duas formas corretas.

Observe o gráfico 02 abaixo que melhor explicita essa utilização do particípio passado do verbo – *ganhar*.

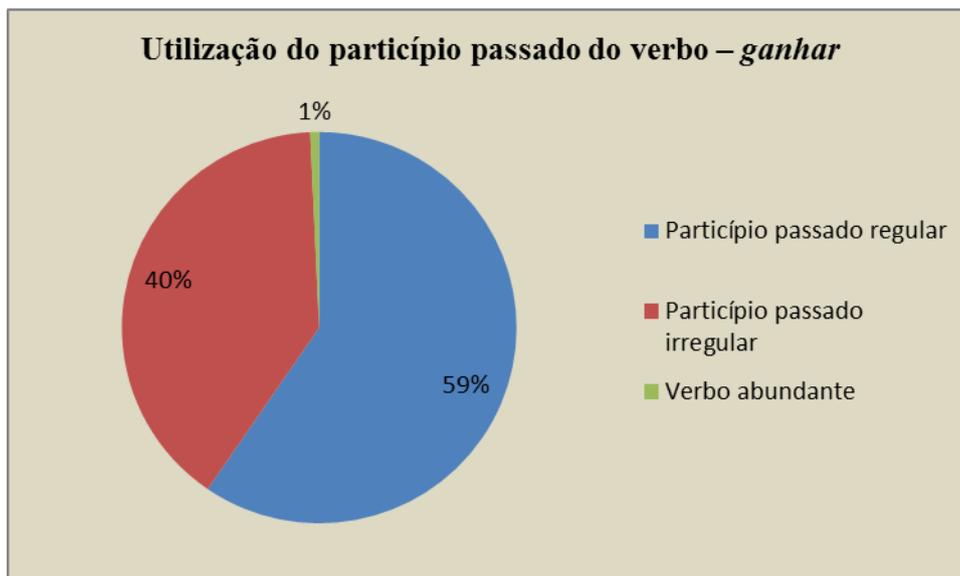


GRÁFICO 02: Utilização do particípio passado do verbo - ganhar

Percebemos com essa coleta que o verbo *ganhar*, embora seja considerado abundante, ou seja, com duas formas (*regular e irregular*) consideradas corretas pelas gramáticas normativas, os falantes recorrem apenas a uma delas, desconsiderando a outra.

Nos demais testes, optamos por instigar dos sujeitos participantes a forma com que estão utilizando o particípio passado dos verbos *chegar* (três testes) e *trazer* (três testes⁶).

Partiremos para a análise do particípio passado do verbo chegar, pois este foi o que apresentou maior ocorrência da forma inovadora irregular na oralidade dos participantes.

No primeiro teste, os participantes deveriam optar pelas alternativas;

- 1) Pensei que ele já tivesse chego.
- 2) Pensei que ele já tivesse chegado.

⁶ Sempre que houver referência a testes no questionário deve-se remetê-los as alternativas apresentadas na parte objetiva do mesmo, pois para cada ocorrência das formas inovadoras colocamos duas opções para serem escolhida, uma que apresenta a inovação nos verbos e outra com a sua forma regular.

A alternativa mais assinalada foi a segunda (tinha chegado) com 124 escolhas, a primeira (tinha chego) foi assinalada por 11 e apenas *uma pessoa* considerou as duas formas corretas.

No segundo teste com o mesmo verbo, os falantes deveriam optar entre;

- 1) Tu ainda não tinha chego quando ela falou.
- 2) Tu ainda não tinha chegado quando ela falou.

A alternativa mais assinalada foi a segunda (tinha chegado) com 110 escolhas e a primeira (tinha chego) foi assinalada por 26 pessoas. No terceiro teste:

- 1) Os tablets da gente já deviam ter chego.
- 2) Os tablets da gente já deviam ter chegado.

A segunda opção continuou sendo a mais assinalada por 106 pessoas, e a primeira foi escolhida por 30.

O que percebemos com isso é a variação que o verbo *chegar* está sofrendo, pois ao responderem os testes os falantes apresentam dúvida quanto à forma “correta” do verbo no particípio passado. Ora, para a gramática normativa este verbo é regular, pois só se considera a sua forma – *chegado*, no entanto, visualizamos além da criação de uma forma irregular certo crescimento neste uso. Vale ressaltar ainda que os mesmos falantes que no primeiro teste com o verbo – *chegar* consideraram apenas a sua forma regular, nos demais testes assinalaram a forma inovadora, fato que nos transmite uma possibilidade de lapidação e modificação pela qual o verbo está passando.

A partir desta explanação dos resultados coletados detectamos que a presença das formas inovadoras dos verbos analisados está cada vez maior no falar dos brasileiros, embora a forma regular seja aquela que predomina, a tendência das formas inovadoras é aumentar, seja isso uma reflexão do prestígio social ou linguístico que a forma irregular indica ou analogia com a formação dos demais verbos irregulares do português.

Se observarmos que uma parte dos sujeitos da pesquisa apresentaram dúvidas quanto à forma utilizada, se regular ou irregular, podemos apontar que a criação dessas formas inovadoras está relacionada ao excesso de correção pelo qual determinadas

formas passam, ou seja, pelo processo de hipercorreção. Em outras palavras, os sujeitos de nossa pesquisa, provavelmente inseguros quanto ao que é correto ou não, segundo a gramática normativa, passam a usar o particípio irregular com verbos que só apresentam formas regulares, na tentativa de usar corretamente os participípios reconhecidos como formais.

No que se refere à questão discursiva do questionário, constatamos que, aproximadamente 55% afirmaram que desconhecem as formas – chego e trago, por isso consideraram corretas as formas regulares dos mesmos verbos – chegado e trazido. Desses 55% aproximadamente 25% afirmaram recorrer a formas irregulares de verbos abundantes em situações de formalidade da língua, por exemplo, em textos escritos.

Cerca de 19% afirmaram que utilizam, apenas, as formas inovadoras – chego e trago no dia a dia, principalmente na escrita, porque as consideram mais apropriadas para o texto escrito.

Aproximadamente 26% apresentaram dúvidas quanto à forma correta de utilização do particípio passado dos verbos, os participantes utilizam as duas formas apresentadas (regular e inovadora), ou seja, consideram os verbos chegar e trazer abundantes. 5% consideraram as formas verbais *chegado* e *trazido* típicos da oralidade nordestina.

Entre os testes, observamos certo aumento na utilização da forma inovadora *chego*, correspondente ao particípio passado irregular *tinha chego*.

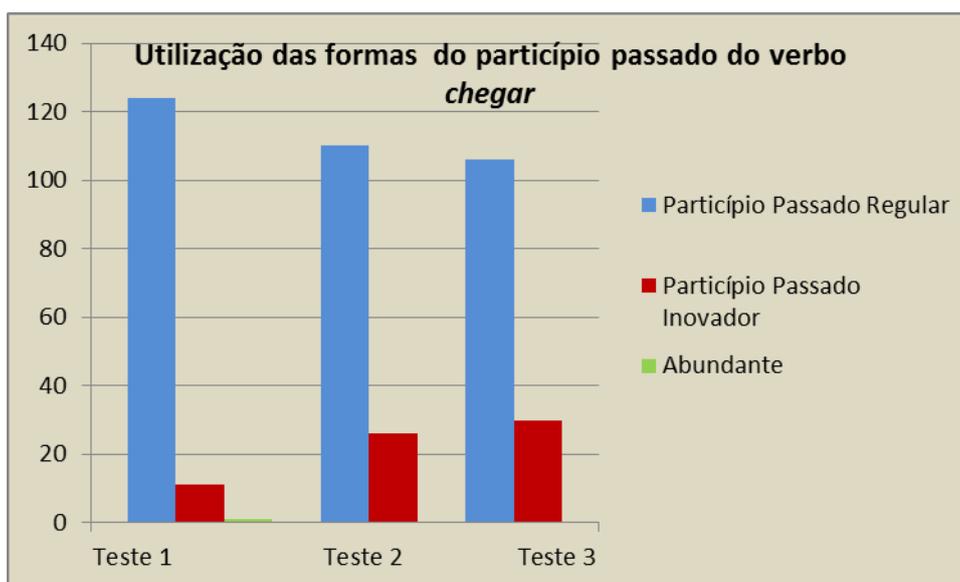


GRÁFICO 03: Utilização das formas do particípio passado do verbo chegar

Quanto ao uso do verbo *trazer* nos testes os participantes deveriam assinalar uma das alternativas abaixo;

- 1) Era para ter trago o trabalho, mas esqueci em casa.
- 2) Era para ter trazido o trabalho, mas esqueci em casa.

- 1) Você devia ter trago todas as contas anteriores.
- 2) Você devia ter trazido todas as contas anteriores.

- 1) Professora, era pra ter trago o trabalho hoje?
- 2) Professora, era pra ter trazido o trabalho hoje?

Os resultados obtidos foram: No primeiro teste a forma inovadora do verbo trazer (trago) foi assinalada por 40 pessoas (36%) e as demais (70/ 64%) optaram pela forma regular, a que é reconhecida pelas gramáticas de língua portuguesa. No segundo teste a média foi mantida, 90 pessoas (70%) assinalaram o particípio regular – trazido e 39 (30%) a forma inovadora. O terceiro também manteve a média dos demais, pois, 82 (61%) assinalaram a forma regular, 48 (35%) a forma inovadora, nos dois últimos testes 6 pessoas (4%) consideraram ambas as formas corretas. Observe:

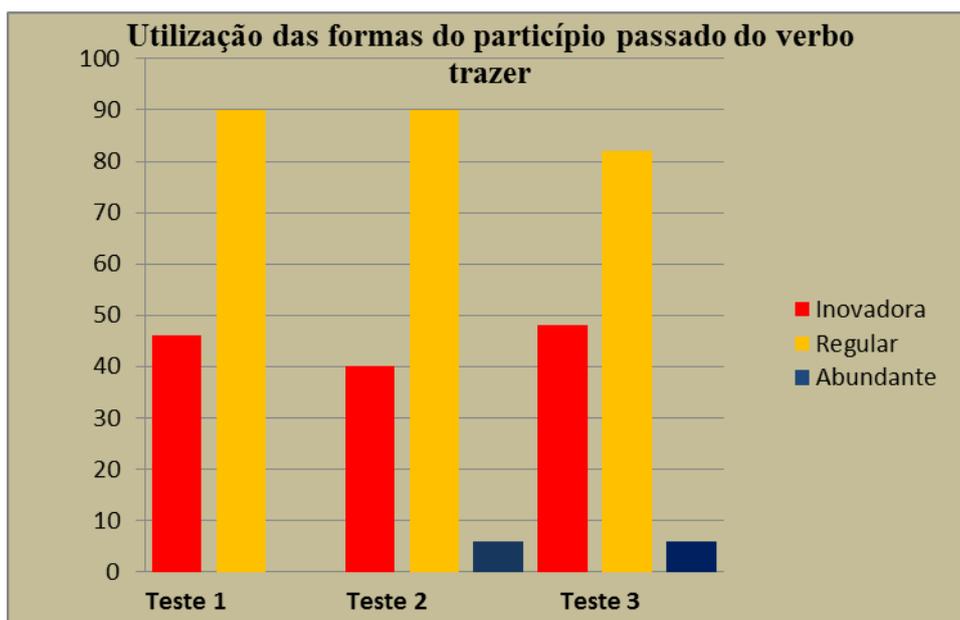


GRÁFICO 04: Utilização das formas do particípio passado do verbo *trazer*

Observe como ficou a disposição dos participantes que explicaram a recorrência de tais formas verbais no seu dia a dia na questão discursiva do questionário.

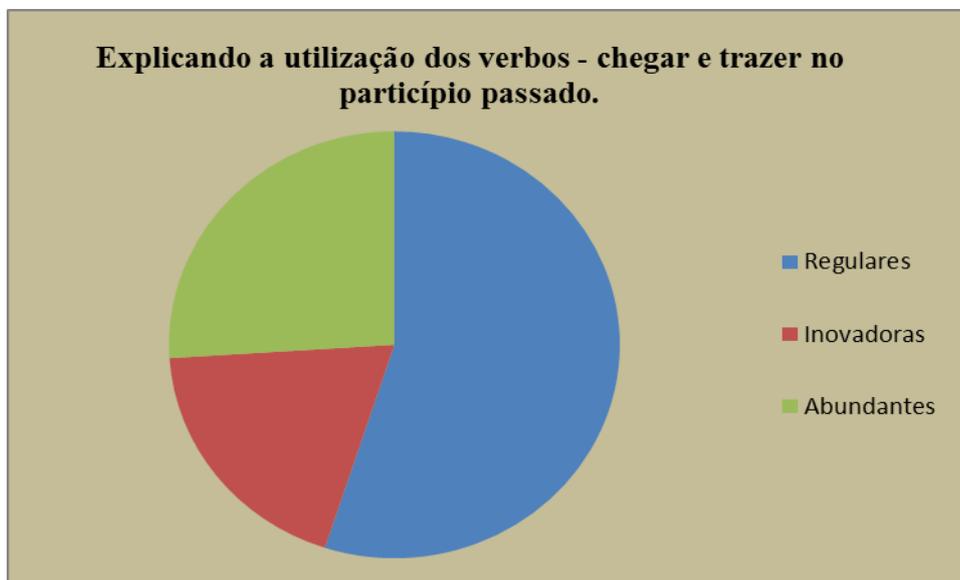


GRÁFICO 05: Explicando a utilização dos verbos *chegar* e *trazer* no particípio passado

3.4 Características linguísticas dos PPI e sua relação com a formação dos particípios passados dos verbos do português: análise qualitativa

Essa variação que estamos analisando nos leva a refletir sobre a forma como se encontra o sistema verbal do português do Brasil. Temos, por exemplo, a 1ª conjugação com terminação em *-ar* que apresenta maior número de verbos regulares do português. No entanto, o verbo *chegar* e sua forma inovadora irregular *-chego* não obedece à sequência lógica do paradigma, se na 1ª conjugação os verbos regulares são em maior número a tendência é não recorrer a suas formas irregulares (se houver). Dessa maneira, a ideia de que os verbos dessa conjugação sejam mais propensos a aparecerem no particípio regular está sendo modificada.

Outro fator que poderia explicar essa forma inovadora de *chegar* é que, ainda considerando a conjugação da qual faz parte, observamos que alguns verbos abundantes, desta conjugação, apresentam formas irregulares que são predominantes na língua portuguesa, como exemplos citamos os verbos *salvar* (*salvado e salvo*) e *pagar* (*pagado e pago*).

O verbo *ganhar* é considerado abundante, pois apresenta uma forma regular (*ganhado*) e outra irregular (*ganho* – forma selecionada por 48 estudantes/ 69%) para o particípio passado. Quanto a esses verbos abundantes, relembramos Bagno (2008) e sua afirmação de que a escola pressionou os alunos (no passado) a recorrerem, sempre, a forma irregular destes verbos, enfatizando que só se podia usá-los em sua forma irregular. Tal pressão influencia a escolha verbal dos falantes até os dias atuais, pois, muitos quando ouvem verbos como *ganhar* e *pagar* conjugados regularmente em suas formas *ganhado* e *pagado* acabam imediatamente corrigindo o falante que as proferiu, apontando para o uso de suas formas irregulares *ganho* e *pago*.

Ainda sobre os verbos da 1ª conjugação que apresentaram formas inovadoras do particípio passado irregular, temos o verbo *passar* (*passo*- forma observada na oralidade de 8 alunos / 12%), uma das formas utilizadas pelos falantes que causou grande estranheza, e que também contraria essa ideia de que verbos com terminação em – *ar* sejam menos propícios à forma irregular.

No que se refere à utilização da forma inovadora irregular do verbo *trazer* – *trago* (proferida por 14 falantes (19%) observados na primeira etapa de coleta de dados), cabe destacar, pois, que trazer é um verbo da 2ª conjugação, e esta é a que apresenta maior número de verbos do particípio passado irregular e abundantes, basta lembrar: *fazer* – *feito* (particípio passado irregular); *escrever* – *escrito* (particípio passado irregular); *acender* – *acendido e aceso* (verbo abundante); *envolver* – *envolvido e envolto* (verbo abundante), entre outros exemplos elencados no quadro 06, de acordo com Bagno (2012).

Como na 2ª conjugação é possível que haja verbos que apresentem apenas o particípio irregular, é natural que verbos regulares sejam transformados, por analogia, em abundantes ou, até mesmo, em irregulares (apenas) com maior facilidade.

Para Bagno (2012) este cenário aponta para uma forte tendência à regularização dos verbos irregulares, de modo que a forma regular dos verbos abundantes quase não é mais utilizada. Essa tendência à regularização dos irregulares está levando muitos linguistas e gramáticos a repensarem a nomenclatura dos verbos, já que estes estão aparecendo com maior frequência.

Além de observarmos os verbos do particípio passado em suas formas – regular, irregular e/ou inovadora é necessário que analisemos o auxiliar que lhes acompanha. Relembrando o que nos diz Moura Neves (2000), o auxiliar juntamente com o particípio

podem formar tempos compostos na voz ativa ou passiva, além de conseguirem indicar, em alguns casos, ação ou estado.

Sendo assim, observamos que a forma inovadora do verbo *chegar* – *chego*, e do verbo *trazer* - *trago* sempre aparece, nos exemplos coletados, acompanhada do auxiliar *ter*, formando assim, o tempo composto na voz ativa.

Falantes da língua materna apresentam competências linguísticas que lhes permitem formar ou criar novas palavras, partindo de um mesmo processo de formação de palavras ou até mesmo por analogia a outras formas apresentadas na sua língua, é o que pode estar acontecendo com os verbos do particípio passado. Vale ressaltar ainda que, todo falante possui um conhecimento internalizado da língua, o que lhe permite essa criação de palavras, esse conhecimento não foi adquirido por experiências, mas é espontâneo, natural.

Esse processo pode estar ocorrendo por analogia ou simplesmente pode estar relacionado à questão do prestígio social e linguístico, já que, em verbos tidos como abundantes, a forma irregular é a que apresenta maior ascensão na língua falada. Assim, percebemos que o processo de criação das formas inovadoras não é feito aleatoriamente, sem respeito àquelas formas já existentes, mas, toma-as como referência para a variação.

Existe o fato, ainda, de que a língua tende ao enxugamento, ou seja, se aos verbos abundantes é dito que a forma mais prestigiada é a irregular, para encerrar com a dúvida de qual forma utilizar, basta aplicar aos demais a mesma regra. Assim, não haveria problemas no momento de escolher o verbo, bem como a sua conjugação.

É necessário estar atento, ainda, à ideia de hipercorreção apresentada por Bagno (2008) em que, na tentativa de acertar sempre, muita gente acaba cometendo o “erro”, principalmente quando o falante procura adaptar-se às regras vigentes nas gramáticas de língua portuguesa, além de que, por muito tempo ouvimos falar que os particípios irregulares seriam mais “corretos” ou soariam melhor quando proferidos.

É necessário reconhecer, por esses motivos, que a tendência à hipercorreção ou à analogia é própria da língua, pois algumas palavras assemelham-se a outras já existentes para que, dessa forma, sejam formadas outras novas. Foi o que aconteceu, por exemplo, com o verbo *pegar*, que até certo tempo só apresentava a forma regular *pegado*, sendo a irregular *pego* considerada forma utilizada pelos brasileiros pouco letrados. Como

sabemos, atualmente as duas formas são consideradas corretas pela gramática normativa da língua portuguesa, embora haja, também, a preferência pela irregular.

Após a aplicação do questionário um acontecimento, em especial, chamou-nos atenção. Um aluno muito inquieto com os testes e a necessidade de explicar a ocorrência de tais formas, aproximou-se para questionar:

Aluno 1: *“Professora, agora eu fiquei pensativo, nunca tinha parado para pensar na utilização desses verbos de duas formas. Tinha alguma pegadinha nesse teste? Porque se tiver eu caí nela, com certeza.”*

Diante da fala do aluno a única ideia que tivemos foi a de questioná-lo de volta, de forma que pudéssemos obter daquele momento um dado a mais para ser analisado.

Professora: *“Você acha que havia alguma pegadinha? Que tipo de pegadinha seria essa?”*

Aluno 1: *“É porque assim, eu achei esse teste muito simples, a gente viu três verbos com duas formas, ao meu ver, as duas estão corretas, ou melhor, podem ser utilizadas. Olhe, professora, eu sou pregador lá na igreja e a maneira que eu falo lá é diferente daquela que eu falo em casa, com minha família e com os amigos. Quando eu estou pregando eu não posso dizer chegado, trazido, ganhado [...]”*

Professora: *“Mas, por que não?”*

Aluno 1: *“Ah professora, os fiéis precisam perceber que eu tenho conhecimento daquilo que estou falando. Minha forma de falar precisa passar credibilidade para os que escutam. Senão vão dizer que não sei de nada, que não estudei, essas coisas”.*

A conversa demorou uns dez minutos, mas sempre que tentávamos considerar as formas do particípio passado regular corretas, o aluno afirmava que não dava para usá-las em contexto em que fosse preciso monitorar sua fala.

Após essa conversa, percebemos o quanto alguns falantes tentam adequar sua fala às formas prestigiadas da língua. E o quanto o fenômeno da hipercorreção está intimamente ligado a essa tentativa de desviar das formas não prestigiadas.

Os falantes acreditam que para demonstrarem um nível mais alto de escolaridade é necessário recorrer ao uso do particípio passado irregular, essa crença está encaminhando para a regularização das formas irregulares, diminuindo ainda mais a recorrência das formas regulares. Esse aspecto também é notório nos verbos abundantes (regular e irregular) já que boa parte dos falantes prefere utilizar a forma irregular, acreditando estar incorreta a outra opção.

A mesma conversa levou-nos a pensar sobre as influências que a língua carrega advindas da sua história de transformação e modificações. Ora, se em um determinado tempo da história da língua foi introduzido ao particípio passado, por exemplo, do verbo pegar a sua forma irregular (pêgo), por que não seria possível introduzir aos verbos regulares chegar, trazer e passar uma forma irregular?

A forma pêgo foi considerada por muito tempo, como já comentamos neste trabalho, como uma forma utilizada por brasileiros pouco letrados, mas atualmente é considerada “correta” pela gramática normativa. Esse mesmo processo pode vir a acontecer com chego e trazido, que hoje são consideradas formas desconhecidas das gramática de língua portuguesa, no entanto, no futuro podem ser consideradas “corretas”, já que a norma é modificada pelo uso corrente da língua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando nossos objetivos e baseando-nos na análise quantitativa e qualitativa realizada, apresentamos nossas considerações finais.

Quanto ao objetivo de identificar as formas verbais inovadoras utilizadas na modalidade oral do português contemporâneo, verificamos que as mais recorrentes são *chego* (chegar), *trago* (trazer) e *passo* (passar), embora também tenham sido identificadas outras as formas, como por exemplo, *compro* (comprar).

De acordo com os resultados obtidos observamos que, com a utilização dos verbos inovadores, o falante obedece, na maioria das vezes, à composição natural dos verbos, ou melhor dizendo, os verbos *chegar* e *passar* pertencem à primeira conjugação que apresenta vários abundantes, então por analogia aos demais ele se transforma em abundante. O verbo *trazer* pertence à segunda conjugação e apresenta vários verbos irregulares, então por analogia, ou respeito a esse paradigma, também se transforma em abundante.

Notamos que as variações que o particípio passado apresenta estão relacionadas, ainda, ao processo de analogia com outros verbos, um exemplo disso é o verbo *ganhar* – *ganhado* e *ganho*, a forma de maior ocorrência na oralidade e, até mesmo, na escrita é a irregular *ganho*, o que leva o falante a um constante aumento da forma irregular dos demais verbos.

Quanto ao objetivo de observar se há raiz histórica da forma inovadora nas formas do particípio irregular do português arcaico percebemos que sim, pois, a criação e uso de outras formas irregulares, no passado, influenciou o sistema verbal do português brasileiro. Basta observar o verbo *pegar*, que já foi citado anteriormente, por muito tempo só existia a sua forma regular *pegado*, no entanto, criou-se a forma irregular *pego*, que era considerada inculta e com o tempo foi adotada pelas gramáticas de língua portuguesa.

Com relação aos fatores extralinguísticos é válido considerar que a escolha dos falantes pela forma inovadora do particípio passado irregular pode estar relacionada à questão do prestígio linguístico. Ou seja, numa tentativa de desviar-se do preconceito linguístico os falantes optam por expressões ou palavras de maior prestígio, por muito tempo dizia-se que a forma irregular era mais culta, correta e aceita, então a solução para fugir desse tipo de preconceito é adotar a forma irregular em todos os verbos do

PB. Assim, a forma irregular é considerada de menor prestígio, utilizada apenas por falantes com baixo nível de escolaridade.

Além disso, Bagno (2012) já afirmava que uma das razões que contribuem para o surgimento dessas formas inovadoras do particípio passado é a hipercorreção, que está intimamente relacionada à fuga do preconceito linguístico e à tentativa de superar o seu próprio modo de falar.

Diante dessas considerações, visualizamos uma mudança que deve acontecer no sistema verbal brasileiro. Acreditamos que o uso pode influenciar as normas, já que é na língua falada em que acontecem as variações e mudanças que vão moldando a língua, se a observarmos pelo aspecto diacrônico.

É na modalidade oral que percebemos com maior fluência essas modificações que acontecem na língua portuguesa, foi a partir da oralidade que conseguimos perceber e distinguir as diferenças do português brasileiro daquele falado em Portugal. É na oralidade que há o contato mais rápido e direto da língua com a sociedade, e é justamente esse contato que fortalece uma língua garantindo-lhe o dinamismo que lhe é próprio.

Assim, caberá às gramáticas de língua portuguesa apresentar, com o tempo, essa variação que está ocorrendo na formação do particípio passado. Cabe às gramáticas descrever a língua falada e oferecer as normas que regem o uso.

REFERÊNCIAS

ALI, Manuel Said. **Investigações filológicas**. 3ª Ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

BAGNO, Marcos. **Português ou brasileiro? Um convite à pesquisa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2001.

_____. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

_____. **A língua de Eulália: Novela sociolinguística**. 16ª ed. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. **Tinha chego ou chegado?** Revista Carta Fundamental. São Paulo: Nº 41, 2012.

_____. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática portuguesa**. 38ª ed. rev. e ampl. 19ª impressão. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Desafios no mundo da língua falada**. 2009. Disponível em: www.museudalinguaportuguesa.org.br/files/mlp/texto_37.pdf. Acessado em: 14 de setembro de 2014.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática histórica**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2005.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HAUY, Amini Boainain. **A língua: características gramaticais**. IN: SPINA, Segismundo (org.). *História da língua portuguesa*. São Paulo: Ateliê, 2008.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. **O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos**. 1ª Ed. São Paulo: Contexto, 2007.

MOURA NEVES, Maria Helena. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

PAIVA, Dulce de Faria. **Morfologia**. In: SPINA, Segismund (org.). *História da língua portuguesa*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

SILVA Neto, Serafim da. **História da língua portuguesa**. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Presença; [Brasília]: INL, 1986.

_____. **Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil**. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Presença. 1977.

SOUZA, Paulo Chagas. **Participios atemáticos no PB: um processo paradigmático**. ReVEL, edição especial n. 5, 2011. Disponível em: [HTTP:www.revel.inf.br](http://www.revel.inf.br).

SPINA, Segismundo (org.). **História da língua portuguesa**. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

ANEXOS

Anexo 01

Transcrição dos exemplos coletados.

Exemplo 01: *Pensei que ele já tivesse chego.*

Data da ocorrência: agosto de 2014.

Situação de uso: conversa informal entre alunos no corredor da escola.

Exempl02: *Eu devia ter trago o meu vestido.*

Data da ocorrência: setembro de 2014

Situação de uso: conversa informal entre familiares

Exemplo 03: *Professora, me desculpe por ter chego atrasado!*

Data da ocorrência: junho de 2014

Situação de uso: situação formal na sala de aula de língua portuguesa

Exemplo 04: *Ligaram para mainha dizendo que ela tinha ganho um prêmio.*

Data da ocorrência: maio de 2014

Situação de uso: situação informal, conversa telefônica entre amigas.

Exemplo 05: *Professora diga a ele que eu já tô passo.*

Data da ocorrência: novembro e dezembro de 2014

Situação de uso: situação formal na sala de aula de língua portuguesa.

Exemplo 06: *Era para vocês terem trago mês passado.*

Data da ocorrência: outubro de 2014.

Situação de uso: conversa formal de funcionária em atendimento em empresa privada.

Exemplo 07: *E já era pra ter chego?*

Data da ocorrência: novembro de 2014.

Situação de uso: conversa informal sobre o cartão de inscrição do ENEM.

Exemplo 08: *Como era que eu ia ter trago se eu não vim na última aula, professora?*

Data da ocorrência: agosto de 2014

Situação de uso: conversa na aula de língua portuguesa

Exemplo 09: *O material da escola já devia ter chego, mas estamos esperando até agora.*

Data da ocorrência: julho de 2014

Situação de uso: conversa formal da secretária escolar com o diretor.

Exemplo 10: *Graças a Deus, eu já estou passo em português.*

Data da ocorrência: novembro de 2014.

Situação de uso: conversa informal entre os alunos ao final da aula de português.

APÊNDICES

1 - Questionário de pesquisa

“Estamos realizando uma pesquisa sobre o português falado no Brasil. Para conseguirmos as informações que queremos, gostaríamos de que vocês respondessem à pergunta que fazemos a seguir. Nenhum dado de identificação seu será divulgado. Esperamos contar com vocês. Desde já muito obrigada.”

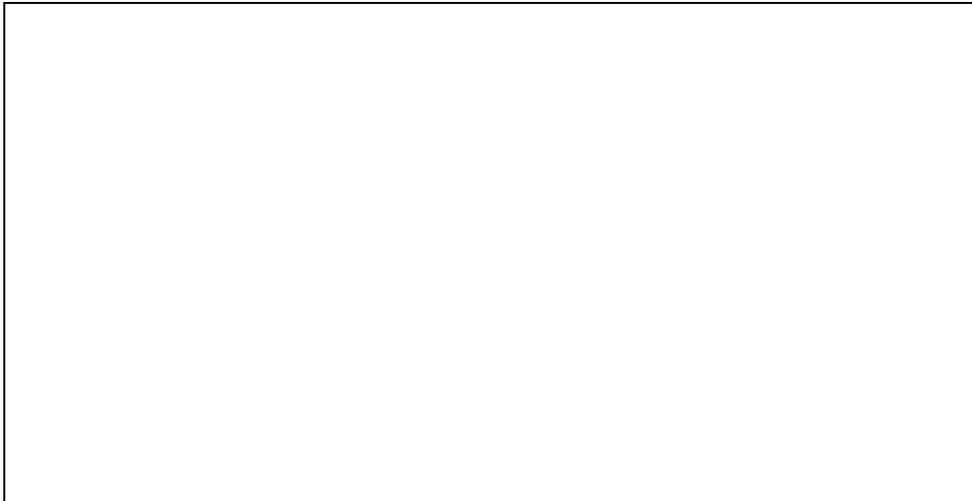
Aurea Rayra Canejo

1- Abaixo, estão apresentadas algumas frases que são diferenciadas apenas pela conjugação verbal utilizada. Observe atentamente cada uma delas e marque aquela que você considera correta.

- 1- () Ela disse que eu tinha **ganho** um prêmio.
 2- () Ela disse que eu tinha **ganhado** um prêmio.
- 1- () Pensei que ele já tivesse **chego**.
 2- () Pensei que ele já tivesse **chegado**.
- 1- () Eita! Era pra ter **trago**, mas eu esqueci em casa.
 2- () Eita! Era pra ter **trazido**, mas eu esqueci em casa.
- 1- () Tu ainda não tinhas **chego** quando ela falou.
 2- () Tu ainda não tinhas **chegado** quando ela falou.
- 1- () Vocês deviam ter **trago** todas as contas anteriores.
 2- () Vocês deviam ter **trazido** todas as contas anteriores.
- 1- () Os tablets da gente já era pra ter **chego**.
 2- () Os tablets da gente já era pra ter **chegado**.
- 1- () Professora, era pra ter **trago** o trabalho hoje, né?
 2- () Professora, era ter **trazido** o trabalho hoje, né?

2- Considerando a alternativa mais assinalada na questão anterior (1 ou 2), explique de forma coerente, o motivo de você ter realizado tal escolha.

SE A MAIORIA FOI A OPÇÃO Nº 1



SE A MAIORIA FOI A OPÇÃO Nº 2

